



NAMO TASSA BHAGAVATO ARAHATO  
SAMMĀSAMBUDDHASSA

Homenagem a Ele, ao Afortunado, ao Consumado,  
ao Perfeitamente Iluminado

## OS FRUTOS DA VIDA ASCÉTICA

(Diálogos de Buda)

◆ Edições CENTRO DE ESTUDOS BÚDICOS ◆

# OS FRUTOS DA VIDA ASCÉTICA

(Sāmaññaphala Sutta, DN 2)

Série “Textos do Cânone Páli”: Nº 2

# OS FRUTOS DA VIDA ASCÉTICA

(Sāmaññaphala Sutta, Dīgha Nikāya, Sutta 2)

Tradução do original páli, Prefácio, Notas e Apêndice

Nissim Cohen

(*upāsaka* Dhammasāri)



CENTRO DE ESTUDOS BÚDICOS  
Jacareí, SP  
2002

Centro de Estudos Búdicos  
Rua Vila Denise, 125  
12.309-110 Jacareí, SP  
Tel.: (012) 3951-2547

e-mail: nisco@iconet.com.br  
site: www.centrobudista.com

© Nissim Cohen, 2002

*Permitida reprodução de trechos, citando a origem*

DDC 294.391.8'121

*Justamente como um homem que, afligido e oprimido pelo calor, fatigado, sedento e anelante, tivesse vindo a uma lagoa — pura, clara, doce e fresca, bem-localizada e deliciosa—, nela ele mergulharia, banhando-se e bebendo, aliviando assim toda a aflição, fadiga e dor.*

*Da mesma maneira, sempre que alguém ouve o Dharma( Ensinamento) do honrado Gotama, seja nos discursos, estrofes, exposições ou em fenômenos prodigiosos, toda a aflição, fadiga e dor são aliviados completamente.*

( AN V, 194.1 [A iii.238])



vida. Ao observar a calma e a quietude dos membros da Comunidade, Ajātasattu solta uma exclamação mencionando seu filho Udāyibhadda, e isto nos dá uma pista quanto à ocasião do discurso. De acordo com os Comentários, foi no trigésimo sétimo ano após a Iluminação, quando Buda estava com setenta e dois anos de idade, que Devadatta iniciou suas hostilidades e sua ambição para ganhar a liderança da Comunidade. Portanto, deveria ser no mesmo ano que Ajātasattu usurpou o trono. Em seguida à sua ascensão ao trono, Ajātasattu lançou-se numa ampla guerra contra seu tio, o rei Pasenadi de Kosala — outro discípulo de Buda; e esta guerra terminou com um armistício selado com o casamento da filha de Pasenadi, a princesa Vajirā, com Ajātasattu. Foi desta união que o menino Udāyibhadda nasceu. Assim, se nós supomos que todos estes acontecimentos levaram pelo menos três anos para ocorrerem, isto colocaria o *Sāmaññaphala Sutta* nos últimos cinco anos da vida de Buda.”<sup>1</sup>

É interessante notar que Udāyibhadda estava destinado a matar seu pai Ajātasattu e que, por sua vez — após dezesseis anos de reinado — seria assassinado pelo filho Anuruddhaka.

### [III. Os seis preceptores ou filósofos-andarilhos]

Antes de responder à pergunta do Ajātasattu sobre os frutos da vida ascética, Buda indaga se ele já não teria apresentado esta questão a outros ascetas e brâmanes. O rei responde na afirmativa, e seu relato do encontro que teve com outros seis preceptores religiosos provê uma oportunidade para um curto levantamento dos tipos de doutrinas filosóficas que estavam sendo promulgadas por instrutores ascéticos andarilhos no vale do Ganges durante os séculos cinco e seis a.C. Há quem pense ser esta secção do sutra uma fabricação literária inventada pelos compiladores do Cânone para propósitos polêmicos — o que não nos parece factível e plausível. Ela é ainda vista de um ângulo diferente, como uma extensão do projeto empreendido pelo *Brahmajāla Sutta* — um levantamento das variedades das visões errôneas. Mas, seja como for, enquanto o *Brahmajāla* visava a apresentar seu levantamento exaustivamente sob a rubrica de especulações acerca do eu e do mundo, o *Sāmaññaphala* tem um objetivo mais modesto: ele preocupa-se somente com os pontos de vista em circulação entre os contemporâneos de Buda, e, ao invés de submetê-los a um esquema de categorias, os declara nos termos em que seus proponentes os formularam.

“Os seis instrutores cujas visões são relatadas pelo rei Ajātasattu são freqüentemente mencionadas no Cânone Páli como um grupo, embora não haja evidência nenhuma de que Buda tenha se encontrado cara a cara com qualquer um deles em qualquer época. Eles parecem ser mais velhos do que o Buda, e com base nas descrições deles dadas como líderes de ordens e grupos, eles deveriam ter sido bastante influentes e altamente venerados naqueles tempos. Os estudiosos ocidentais os designaram como ‘os seis heréticos’, embora dado que eles não professam aderir nem ao budismo e nem ao brâmanismo, eles não podem ser considerados como heréticos dentro do budismo ou do brâmanismo. Seria mais correto falar deles como os seis instrutores ‘de fora’ ou

<sup>1</sup> Bhikkhu Bodhi: *The Discourse on the Fruits of Recluseship*, The Buddhist Publication Society, Kandy, pp. 5–6.

## OS FRUTOS DA VIDA ASCÉTICA<sup>1</sup>

(*Sāmaññaphala Sutta*, *Dīgha Nikāya*, *Sutta* 2)

### Conteúdo:

Abreviaturas .....	9
Prefácio .....	10
O Texto .....	16
Notas .....	43
Apêndices	
I - Os Frutos da Vida Ascética — Sinopse .....	54
II - Paralelos .....	57
III - Comparação: Moralidades .....	58
IV - O Treinamento Gradual em outros sutras .....	58
V - As Doutrinas dos Filósofos-andarilhos .....	65

### Abreviaturas

O Cânone Páli compõe-se de três divisões: *Vinaya Piṭaka*, *Sutta Piṭaka*, *Abhidhamma Piṭaka*. A coleção dos discursos de Buda (*suttas*, sutras) está contida no *Sutta Piṭaka* que está organizado em 5 coleções ou *Nikāyas*, conforme indicados abaixo:

Vin	Vinaya Piṭaka
DN	Dīgha Nikāya
MN	Majjhima Nikāya
SN	Samyutta Nikāya
AN	Aṅguttara Nikāya
KN	Khuddaka Nikāya
TG	Treinamento Gradual
par.	Parágrafo

## Prefácio

“O *Sāmaññaphala Sutta*, ‘O Discurso sobre os Frutos da Vida Ascética’, é o segundo sutra no *Dīgha Nikāya* — a Coleção dos Longos Discursos de Buda —, que, por sua vez, é o primeiro dos 5 *Nikāyas* que compõem o *Sutta Piṭaka* do Cânone Páli. Embora não haja evidência de que os editores do Cânone tenham arranjado os sutras numa ordem pedagógica deliberada, parece quase certo que eles tenham colocado o *Sāmaññaphala Sutta* em segundo lugar na coleção inteira dos discursos de Buda em reconhecimento do papel momentoso que ele desempenha no estabelecimento da fecundidade do Darma de Buda. Seguindo imediatamente após *Brahmajāla Sutta*, o *Sāmaññaphala* preenche uma função para a qual seu antecessor tem somente pavimentado o caminho. Se o *Brahmajāla* pode apropriadamente ser descrito como o prolegômeno ao Darma, então o *Sāmaññaphala* poderia ser descrito como a primeira e uma das mais vigorosas declarações de sua substância.

O projeto primordial do *Brahmajāla Sutta* era dissipar as distorções conceituais e intelectuais que impedem a aquisição da visão correta, o primeiro fator do Nobre Caminho Óctuplo, e assim o prerequisite para o desenvolvimento bem-sucedido dos outros fatores do Caminho. O *Brahmajāla* tentou alcançar este objetivo tecendo uma rede de sessenta e duas categorias capazes de capturar todas as possíveis visões especulativas sobre a natureza do eu (self) e do mundo. Pela exposição dessas visões como ganchos cognitivos que o anelo (ou sede) usa para manter nas suas garras o organismo senciente com suas seis faculdades sensoriais, o *Brahmajāla* revela que são infrutíferas todas essas filosofias e caminhos de vida que são construídos sobre uma interpretação errônea da situação humana.

O *Sāmaññaphala Sutta* assume precisamente onde o *Brahmajāla* pára, transmitindo a mensagem que o sutra anterior somente poderia esboçar. Enquanto o *Brahmajāla Sutta* tem a tarefa negativa de apontar os perigos e a futilidade inerente às visões errôneas, o *Sāmaññaphala Sutta* soa uma proclamação triunfante e lírica mostrando que o curso do treinamento espiritual fundado sobre a visão correta é frutífero. Esta é a proclamação de Buda ao mundo de que a vida de renúncia que ele havia adotado para si mesmo, e a tornou possível à humanidade pela fundação da Ordem (*saṅgha*), traz benefícios visíveis imediatos em cada um dos seus estágios. Este [Darma] é ‘bom no início’ por meio da bem-aventurança da irrepreensão que advém da purificação da conduta; ‘bom no meio’ em prover uma suprema alegria e bem-aventurança mediante a segregação da mente dos impedimentos sensoriais; e ‘bom no fim’ porquanto este culmina na mais elevada sabedoria e paz mediante a transcendência de todas as amarras mundanas.”<sup>1</sup>

## A Estrutura do Sutra

O sutra compõe-se de uma breve introdução, seguida de duas principais secções. Na introdução vemos o rei Ajātasattu de Magadha instalado no terraço localizado no topo do palácio, cercado de seus ministros e de seu médico, exaltando a noite enluarada.

<sup>1</sup> Bhikkhu Bodhi: *The Discourse on the Fruits of Recluseship*, The Buddhist Publication Society, Kandy, pp. 1–2.

Então ele pergunta se não poderiam visitar algum asceta ou brâmane que pudesse trazer paz ao seu coração. Das sugestões apresentadas, ele aceita a do médico que recomenda visitar o Buda, o qual estava residindo naqueles dias no Manguelal do médico.

Na primeira das principais secções, o rei Ajātasattu pergunta ao Buda se ele poderia apontar para algum fruto visível aqui e agora da vida ascética, da mesma maneira que poderia ser feito com relação a muitos profissionais e artesãos. Indagado, o rei admite já ter apresentado esta pergunta aos seis filósofos-andarilhos, e a pedido de Buda, o rei conta como é que eles responderam. É interessante notar que a lista das ocupações comuns mencionadas pelo rei na sua pergunta, é uma evidência das condições sociais reinantes no vale do Ganges à época.

Na segunda secção principal, a mais extensa, Buda discursa sobre os frutos da vida ascética, apresentando seu famoso método de treinamento gradual.

## [I. Introdução]

O rei Ajātasattu era o dirigente do poderoso estado de Magadha no norte da Índia, e ele já tinha embarcado na rota de conquista e absorção dos estados vizinhos que haveria de tornar Magadha no núcleo do primeiro grande império da Índia. O pano-de-fundo histórico ao discurso de Buda é meramente sugerido pelo preâmbulo do sutra, mas é nós contado em maiores detalhes pelos Comentários [exegéticos]. As informações que damos a seguir foram colhidas dos textos canônicos e dos Comentários.

O príncipe Ajātasattu era o filho do rei Bimbisāra, que era conhecido como “um homem justo e um rei justo”; o rei havia conhecido o Buda pouco depois deste ter abraçado a vida ascética, e quando soube do seu objetivo, o rei solicitou-lhe que o Buda o visitasse logo após sua iluminação — se e quando ele o conseguisse. O rei Bimbisāra foi um dos primeiros discípulos leigos de Buda. Foi notável o encontro dos dois pouco depois da Iluminação de Buda. Quando o rei externou sua admiração por ter o asceta Gotama alcançado a Iluminação tão jovem [aos 35 anos de idade — atingimento que era considerado como possível somente quando a pessoa estivesse no último estágio de vida], o Buda teria respondido: “Majestade, quatro coisas jovens não devem ser negligenciadas. Quais quatro? Um fogo jovem, uma serpente jovem, um príncipe jovem e um asceta jovem.”

O príncipe Ajātasattu, em certa época, havia sucumbido à má influência de Devadatta [este se fez valer de seus poderes mágicos, dizem os Comentários] — um primo de Buda que tentou, em várias ocasiões, assassinar o Bem-aventurado e que ambicionava liderar a Ordem budista. Instigado por Devadatta, Ajātasattu mandou aprisionar e depois assassinar seu pai — não obstante o fato de o rei Bimbisāra ter abdicado do trono em favor do filho. Este ato parricida de Ajātasattu, subseqüentemente, atormentava-no com remorsos, a consciência lhe pesava e, de acordo com os Comentários, não lhe permitia que tivesse um sono tranquilo. Foi estas dores de culpa e remorso que induziram-no a visitar o Buda com a esperança de obter uma saída da sua crise. Naqueles dias Buda residia no Manguelal do médico Jivaka, o médico do rei, que era também o médico que cuidava pessoalmente de Buda e dos bikshus.

“O *Sāmaññaphala Sutta* deve ter sido dado pelo Buda nos últimos anos de sua

### [I. Introdução]

#### [I.a. O rei Ajātasattu e seus ministros]

1. Assim eu ouvi.<sup>2</sup> Certa vez, o Bem-aventurado estava residindo em Rājagaha, no Mangueiral de Jivaka Komārabhacca,<sup>3</sup> junto com uma grande companhia de uns mil duzentos e cinqüenta bikshus [monges-mendicantes budistas]. E nesse tempo, no dia de jejum do décimo quinto dia,<sup>4</sup> na noite de lua cheia do quarto mês,<sup>5</sup> chamado Komudi,<sup>6</sup> o rei Ajātasattu Vedehiputta<sup>7</sup> de Magadha, tendo ido ao terraço no topo do seu palácio, estava sentado lá cercado pelos seus ministros. E o rei Ajātasattu, neste dia de jejum, desabafou com esta expressão solene: “Quão deliciosa, amigos, é esta noite enluarada! Quão encantadora é esta noite enluarada! Quão tranqüila é esta noite enluarada! Quão auspiciosa é esta noite enluarada! Não poderíamos visitar hoje algum asceta ou brāmane que, visitando-o, nós traria paz ao nosso coração?”<sup>8</sup>

2. Quando ele falou assim, um dos ministros disse isto ao rei Ajātasattu: “Majestade, há o Pūraṇa Kassapa que está à frente de uma ordem, que tem muitos seguidores, instrutor de muitos, que é bem-conhecido e afamado, fundador de uma ordem religiosa, altamente honrado pela multidão. Ele tem longa existência, há muito que se tornou asceta-andarilho, idoso que atingiu a última fase da vida. Que Sua Majestade visite este Pūraṇa Kassapa. Ele bem que poderia trazer paz ao coração de Sua Majestade.” A estas palavras o rei Ajātasattu manteve-se em silêncio.

3. Outro ministro disse-lhe: “Majestade, há o Makkhali Gosāla... [igual ao § 2]... Ele bem que poderia trazer paz ao coração de Sua Majestade.” A estas palavras o rei Ajātasattu manteve-se em silêncio.

4. Outro ministro disse-lhe: “Majestade, há o Ajita Kesakambali... [igual ao § 2]... Ele bem que poderia trazer paz ao coração de Sua Majestade.” A estas palavras o rei Ajātasattu manteve-se em silêncio.

5. Outro ministro disse-lhe: “Majestade, há o Pakudha Kaccāyana... [igual ao § 2]... Ele bem que poderia trazer paz ao coração de Sua Majestade.” A estas palavras o rei Ajātasattu manteve-se em silêncio.

6. Outro ministro disse-lhe: “Majestade, há o Sañjaya Belaṭṭhaputta... [igual ao § 2]... Ele bem que poderia trazer paz ao coração de Sua Majestade.” A estas palavras o rei Ajātasattu manteve-se em silêncio.

7. Outro ministro disse-lhe: “Majestade, há o Nigaṇṭha Nātaputta que está à frente de uma ordem, que tem muitos seguidores, instrutor de muitos, que é bem-conhecido e afamado, fundador de uma ordem religiosa, altamente honrado pela multidão. Ele tem longa existência, há muito que se tornou asceta-

‘externos’. Suas doutrinas situam-se todas elas fora do amplo perímetro do brāmanismo ortodoxo e são indicativas da fermentação intelectual que surgiu como parte da reação contra a ortodoxia brāmanica ao tempo de Buda.

Embora as declarações atribuídas aos seis instrutores pelo *Sāmaññaphala Sutta* devam, sem dúvida, conter formulações que eram parte de suas crenças estabelecidas, é também provável que as fórmulas tenham se tornado deturpadas e confundidas umas com outras no decurso da transmissão oral. À parte as escrituras budistas, não há qualquer outra informação sobre as doutrinas de quatro dos preceptores. As escrituras jainas fornecem informações sobre os pontos de vista da Makkhali Gosāla e de Nigaṇṭha Nātaputta, o fundador histórico do Jainismo, e esta fonte confirma o *Sāmaññaphala* como sendo substancialmente correto na sua representação da doutrina de Makkhali, embora não a de Nigaṇṭha Nātaputta.<sup>1</sup> A informação nos Comentários devem especialmente ser tratados com bastante precaução (...)”<sup>2</sup>

Embora os detalhes das doutrinas dos seis preceptores possam ser obscuras, com base no *Sāmaññaphala* é possível distinguir as características de cada visão. Para facilitar o entendimento destas doutrinas para os leitores, damos um resumo das mesmas no “Apêndice V - As doutrinas dos filósofos-andarilhos”.

### [III. Os frutos da vida ascética e o Treinamento Gradual]

Após relatar seus encontros com os seis instrutores, o rei Ajātasattu volta a perguntar ao Buda se ele poderia apontar para algum fruto visível aqui e agora da vida ascética, da mesma maneira que se pode indicar os frutos obtidos pelo exercício das várias profissões e artesanatos. Buda responde afirmativamente e sua resposta esta resumida no “Apêndice I - Os frutos da vida ascética — Sinopse”.

O *Sāmaññaphala Sutta* é o primeiro dos discursos de Buda na ordem textual do *Sutta Piṭaka* a tornar conhecido o metódico treinamento passo-a-passo que constitui o coração do Darma prático. No Cânone o próprio Buda é aclamado por sua única atribuição como descobridor e instrutor da senda: “Ele é o que faz surgir a senda não surgida, o produtor da senda não produzida, anunciador da senda não declarada, o que conhece e vê a senda, o que é hábil na senda” (MN 108). Revelando esta senda em toda sua pureza e perfeição, Buda abre a inúmeros outros “as portas da não-morte”, a senda que leva do sofrimento dos repetidos nascimentos à outra margem do Nirvana (*nibbāna*), onde todo renascimento e morte cessa.

Na terminologia dos textos, esta disciplina metódica é chamada “o treinamento gradual” (*anupubbasiikkhā*). O *Sāmaññaphala Sutta* desvenda esse treinamento gradual, conforme intuído e exposto pelo próprio Buda, numa forma que é a mais compreensiva que se pode encontrar no Cânone. O mesmo treinamento gradual é reiterado,

<sup>1</sup> O estudioso Jacobi diz que o ensinamento atribuído ao Nigaṇṭha Nātaputta, embora não seja uma descrição exata da crença jaina, não contém nada que lhe seja estranho. Introdução à Jaina Sutras, Pt. 2, Sacred Books of the East, Vol.45 (Oxford, 1895), pp. xx-xxi.

<sup>2</sup> Bhikkhu Bodhi: *The Discourse on the Fruits of Recluseship*, The Buddhist Publication Society, Kandy, pp. 6-7.

com variações, nos subseqüentes 11 sutras do *Dīgha Nikāya* e em outros sutras do Cânone, principalmente no *Majjhima Nikāya*. No “Apêndice IV - O Treinamento Gradual em outros sutras” damos um resumo do conteúdo dos principais sutras que tratam do treinamento gradual. Geralmente, este treinamento é dividido em três modalidades: “Existem, discípulos, três modalidades de treinamento: Treinamento em Moralidade Elevada (*adhisīla-sikkhā*); treinamento em Mente Elevada (*adhicitta-sikkhā*); treinamento em Sabedoria Elevada (*adhipaññā-sikkhā*)” (AN iii.88-89).

“Não é possível, discípulos, dominar o campo de concentração (*samādhi*) sem ter dominado o campo de Moralidade (*sīla*). Não é possível dominar o campo de Sabedoria (*paññā*) sem ter dominado o campo de concentração (*samādhi*)” (AN v.22).

O treinamento gradual, conforme exposto no *Sāmaññaphala Sutta* e em alguns outros sutras, é destinado aos *bikshus/bikshunis* [monges/monjas mendicantes budistas]. Mas, este não era o único sistema de treinamento que o Buda estabeleceu; havia outros sistemas que eram abertos e acessíveis também aos leigos. Um desses sistemas, por exemplo, é mencionado no *Mahāli Sutta* (DN 6). Durante uma visita que brâmanes de Kosala e Magadha fazem ao Buda, o licchavi Mahāli levanta a questão do poder de ver visões celestiais e ouvir sons celestiais. Após discutir a natureza e a maneira de se obter este poder, Buda explica que não é com o propósito de adquirir tais poderes que as pessoas ingressam na Ordem budista. Questionado qual seria então o objetivo, Buda apresenta os quatro estágios de progresso espiritual que seria o objetivo [veja a descrição dos estágios na Nota 8b e na Nota 1 do *Mahāli Sutta* do “Apêndice IV”]. Mahāli pergunta então se havia algum caminho ou método para a realização destes estágios, e o Buda responde que sim, que este era o Nobre Caminho Óctuplo.

Este sutra é notável por apresentar dois assuntos distintos. Quando o sutra poderia terminar com a apresentação dos estágios espirituais, o próprio Buda levanta outra questão, que lhe teria sido apresentada no passado por outra pessoa: seria a alma idêntica ao corpo? Sem responder diretamente a esta questão, Buda apresenta seu sistema de treinamento gradual (veja “Apêndice IV”). No fim Buda diz que quem treina neste sistema não levanta nem responde a tal questão.

#### [IV. Métodos de meditação no Cânone]

Nós podemos notar que os estágios que compõem o treinamento gradual são uma mistura de práticas, de um lado, e de descrições de estados mentais que podem ser alcançados por meio de métodos de meditação, de outro lado. Não é dado nem sugerido quais seriam os métodos meditativos para alcançar-se esses estados. Por exemplo, enquanto as moralidades, a guarda dos sentidos, etc. são práticas, as quatro absorções meditativas (*jhāna*) são descrições de estados mentais/emocionais reinantes em cada uma delas, mas o leitor não fica sabendo quais seriam os métodos de meditação apropriados. Para isso teríamos que recorrer a outros sutras canônicos.

Buda ensinou um grande número de métodos de meditação; a lista mais completa aparece em *Aṅguttara Nikāya* 1.xx.1-198, na qual são dados 127 métodos ou 107 — dependendo da maneira de contar. A lista, resumidamente, é a seguinte:

1. As 4 Absorções Meditativas (*jhāna*)
2. As (4) Divinas Moradas (*brahma-vihāra*)

3. Os 37 Constituintes de Iluminação (*bodhipakkhiya-dhamma*):
  - 3.1 As 4 Fundações da Mentação Plena (*satipaṭṭhāna*)
  - 3.2 Os 4 Esforços Corretos (*sammappaddhāna*)
  - 3.3 As 4 Bases do Poder Psíquico (*iddhipāda*), “Estradas ao Poder”
  - 3.4 As 5 Faculdades (espirituais) (*indriya*); os 5 Poderes (mentais) (*bala*)
  - 3.5 Os 7 Fatores de Iluminação (*bojjhaṅga*)
  - 3.6 O Caminho Óctuplo (*aṭṭhaṅgika-magga*)
4. 8 Esferas de Domínio ou Estágios de Mestria (*abhibhāyatana*)
5. As 8 Libertações (*aṭṭha vimokkha*)
6. As 10 *Kasiṇās* (dispositivos meditativos)
7. 20 Assuntos de Contemplação sobre Percepções (*saññā*)
8. As 6 Contemplações (*anussati*); as 4 Mentações Plenas (*satī*)
9. As 5 Faculdades (*indriya*) e os 5 Poderes (*bala*) — em conexão com os *jhānas*
10. As 5 Faculdades e os 5 Poderes — em conexão com as Divinas Moradas
11. Cultivo das 5 Faculdades e dos 5 Poderes (*indriya bhāvanā; bala bhāvanā*)

Estas meditações aparecem em grupo ou individualmente num grande número de sutras. Convém acrescentar que esta lista não esgota todos os métodos de meditação encontrados no *Sutta Piṭaka*. Por exemplo, no item 7 são dados 20 assuntos de contemplação sobre percepções, mas no Cânone encontramos outros grupos de percepções não incluídos aqui. Mas, a lista acima traz todos os principais e os mais importantes métodos de meditação freqüentemente usados pelo Buda e seus discípulos. Outros métodos serão encontrados na análise de outros sutras no “Apêndice IV, Grupo B”.

É interessante e instrutivo comparar a lista acima com a que é dada no “Apêndice IV” sob a rubrica de *Mahāsakuludāyī Sutta*. Neste Buda expõe quais são suas qualidades espirituais pelas quais ele é honrado, respeitado e venerado pelos seus discípulos.



Uma característica estrutural dos textos do Cânone são as repetições, que eram um meio mnemônico de ajudar a fixar esses ensinamentos na mente dos discípulos, já que a transmissão se fazia oralmente. No entanto, na nossa época isso torna-se amiúde um empecilho para uma leitura fluente dos textos. Conseqüentemente, convencionou-se adotar alguma forma de abreviação, que depende de cada tradutor. No presente caso, apresentamos o trecho repetitivo na íntegra, na sua primeira e última ocorrências, enquanto que nas intermediárias damos a sentença ou o parágrafo inicial seguido de reticências, ..., ou [*similar ao § ...*] a indicar que o texto segue identicamente a sua ocorrência anterior. Quando algum trecho é omitido, empregamos as reticências entre parênteses, (...). Adicionalmente, para maior clareza da leitura, dividimos o texto em subsecções de acordo com os assuntos nele tratados.





ação [determinante] própria ou ação de outro, não há ação [determinante] pessoal; não há nenhum poder, nenhuma energia, nenhum vigor pessoal, nenhum empenho pessoal. Todos os seres sencientes, todas as coisas viventes, todas as criaturas, todas as almas são carentes de controle, são sem poder e sem energia. Amadurecendo pelo destino, pelas ocorrências acidentais [ou contingências], pela natureza, eles experimentam o prazer e a dor nas seis classes de espécies humanas.

Existem um milhão e quatrocentos mil modos principais de nascimento [ou origem], e seis mil (outros) e mais seiscentos (outros). Existem quinhentos tipos de carma,<sup>18</sup> e cinco tipos de carma,<sup>19</sup> e três tipos de carma<sup>20</sup>, e um carma inteiro e meio-carma.<sup>21</sup> Existem sessenta e duas sendas, sessenta e dois éons intermediários; seis classes de espécie humana, oito estágios (de progresso) na vida humana, quatro mil e novecentos meios de vida [ocupações], quatro mil e novecentos andarilhos, quatro mil e novecentas moradas de Nāgas,<sup>22</sup> dois mil existências sencientes, três mil infernos, trinta e duas esferas de poeira, sete esferas de seres percipientes, sete esferas de seres não-percipientes, sete esferas de seres “libertos dos laços”,<sup>23</sup> sete tipos de *devas*, sete tipos de homens, sete tipos de duendes, sete grandes lagos, sete tipos de protuberanças<sup>24</sup> — cada uma grande e pequena, sete abismos — cada um grande e pequeno, sete sonhos — cada um grande e pequeno, oito milhões e quatrocentos mil éons. Tanto o tolo quanto o sábio, tendo perambulado e vagueado através desses, porão igualmente termo ao sofrimento.

Portanto, não há tal coisa como dizer: “Por meio desta disciplina moral ou prática (religiosa) ou austeridade ou vida divina eu trarei meu carma não amadurecido à fruição, ou eu gradativamente farei este carma amadurecido desaparecer.”<sup>25</sup> Nenhuma destas coisas é possível, porquanto dor e prazer foram mensurados com uma medida limitada pela ronda de nascimento-e-morte (*samsāra*),<sup>26</sup> e não há nem aumento nem diminuição, nem progressão nem regressão. Justamente como um novelo que, quando jogado, prossegue até que seja todo desenrolado, assim o tolo e o sábio vagueam e perambulam, até que põem termo ao sofrimento.’

21. Assim, venerável Senhor, ao ser questionado sobre os frutos visíveis da vida ascética, Makkhali Gosāla explicou-me [sua doutrina de] purificação por meio do perambular no *samsara*... [o resto como no § 18]. Assim eu nem regojizei-me nas palavras de Makkhali Gosāla e nem as rejeitei; mas, embora insatisfeito, não expressando minha insatisfação, sem aceitar ou abraçar sua doutrina, levantei-me de meu assento e fui embora.

andarilho, idoso que atingiu a última fase da vida. Que Sua Majestade visite este Nigaṇṭha Nātaputta. Ele bem que poderia trazer paz ao coração de Sua Majestade.” A estas palavras o rei Ajātasattu manteve-se em silêncio.

### [I.b. O médico Jivaka; a visita ao Buda e a pergunta sobre os frutos da vida ascética]

8. Todo este tempo Jivaka Komārabhacca estava sentado quieto não longe do rei Ajātasattu. O rei disse-lhe: “Tu, amigo Jivaka, por que estas quieto?” “Majestade, há este Bem-aventurado, o Arahāt [“Consumado” ou “Merecedor”]<sup>8b</sup>, o plenamente iluminado que está residindo no meu mangueiral com uma grande companhia de uns mil duzentos e cinqüenta bikshus. E esta bela voz disseminou-se acerca do Gotama, o Afortunado, assim: ‘Ele é deveras um Afortunado, um Arahāt, perfeitamente iluminado, dotado de (boa) conduta e (elevado) conhecimento, um Bem-andante, conhecedor do mundo,<sup>9</sup> incomparável condutor dos homens a serem domados,<sup>10</sup> instrutor dos *devas*<sup>11</sup> e dos seres humanos, um Buda, um Afortunado.’ Que Sua Majestade visite o Bem-aventurado. Ele bem que poderia trazer paz ao coração de Sua Majestade.” “Então, Jivaka, mande que os elefantes de montaria sejam aprontados.”

9. “Muito bem, Majestade”, disse Jivaka, e ele teve aprontados quinhentos elefantes (fêmeas), e para o rei, o elefante colmilhudo imperial.<sup>12</sup> Então ele informou: “Majestade, os elefantes de montaria estão prontos. Agora é hora de fazer o que Sua Majestade deseja.” E o rei Ajātasattu, tendo colocado suas esposas cada uma num dos quinhentos elefantes, montou o elefante colmilhudo e procedeu em cortejo imperial de Rājagaha em direção ao mangueiral de Jivaka, enquanto era acompanhado de portadores de tochas.

10. E quando o rei Ajātasattu chegou perto do mangueiral ele sentiu medo, terror e horripilação. E sentindo este medo, agitado e com o cabelo de pé, o rei disse ao Jivaka: “Amigo Jivaka, tu não estas me enganando? Tu não estas armando um embuste? Tu não estas me entregando a um inimigo? Como pode ser que deste grande número de mil duzentos e cinqüenta bikshus não se venha a ouvir nem um espirro, uma tossidela ou qualquer berro.”

“Não tenha medo, Sua Majestade, eu não iria enganá-lo ou arrumar um embuste ou entregá-lo a um inimigo. Prossiga, Majestade, prossiga. Lá estão as luzes queimando no pavilhão circular.”

11. Assim, o rei Ajātasattu, tendo prosseguido sobre seu elefante tanto quanto o terreno permitia, apeou e continuou a pé até a porta do pavilhão circular. Então ele perguntou: “Jivaka, onde está o Bem-aventurado?” “Aquele é o Bem-aventurado, Majestade. Aquele é o Bem-aventurado que está sentado contra a coluna central, voltado para leste, com a comunidade dos bikshus em frente a ele.”

12. Então o rei Ajātasattu Vedehiputta de Magadha aproximou-se do Bem-

aventurado, e tendo se aproximado permaneceu de lado; e estando de lado, o rei observou como a comunidade dos bikshus continuou sentada em completo silêncio tão serena quanto uma lagoa clara e ele exclamou: “Que o príncipe Udāyibhadda esteja possuído de tal calma como esta comunidade de bikshus!”

“Teus pensamentos, grande rei, estão com aquele que tu amas?” “Venerável Senhor, o príncipe Udāyibhadda<sup>13</sup> é muito caro a mim. Que ele seja possuído da mesma calma como a desta comunidade de bikshus!”

13. Então o rei Ajātasattu, tendo se curvado em reverência ao Bem-aventurado e tendo saudado a Comunidade dos bikshus com as mãos juntadas, sentou-se a um lado e disse: “Senhor, eu perguntaria algo, se o Senhor se dignasse a responder-me.” “Pergunta, grande rei, qualquer coisa que desejares.”

14. “Venerável Senhor, assim como existem vários profissionais ou artesãos, tais como o cornaca, o domador de cavalos, combatente de biga, arqueiros, porta-bandeira, ajudantes (militares), comandantes de campo, oficiais sêniores, batedores, heróis militares, combatentes corajosos, couraceiros, filhos de escravos, cozinheiros, barbeiros, atendentes de banho, padeiros, fazedores de grinaldas, lavadeiros, tecelões, vimeiros, ceramistas, calculistas e contadores — e quaisquer outros ofícios que existam. Todos esses gozam aqui e agora os frutos visíveis de seus ofícios; eles próprios adquirem felicidade e alegria, e eles dão felicidade e alegria a seus pais, esposas e filhos, a colegas e amigos; por meio de doações aos ascetas e brâmanes eles estabelecem o bem-estar espiritual, que leva ao céu, que resulta em felicidade, conducente a um mundo celestial. Seria possível, venerável Senhor, apontar para qualquer fruto da vida ascética que, similarmente, seja visível aqui e agora?”

15. Lembra tu, grande rei, de alguma vez teres apresentado esta pergunta a outros ascetas e brâmanes?” “Eu lembro isto, venerável Senhor.”

“Grande rei, te importarias nos dizer como eles responderam?” “Eu não me importo de contar, venerável Senhor, quando o Afortunado ou qualquer outro como ele está presente.” “Bem então, grande rei, fale.”

## [II. As doutrinas dos 6 filósofos-andarilhos]

### [III.a. A doutrina de Pūraṇa Kassapa]

16. Certa vez, venerável Senhor, eu me aproximei de Pūraṇa Kassapa.<sup>14</sup> Após trocar saudações e cortesias, eu sentei a um lado e perguntei: ‘Bom Kassapa, assim como existem vários profissionais e artesãos,... [como no § 14] ... Poderias tu, Kassapa, apontar para qualquer fruto da vida ascética que, similarmente, seja visível aqui e agora?’

17. Quando assim falei, venerável Senhor, Pūraṇa Kassapa disse-me: ‘Grande rei, pelo atuator ou instigador de uma ação, por alguém que mutila ou causa que

seja mutilado, por alguém que tortura ou causa que seja torturado, por alguém que inflige mágoa ou causa que mágoa seja infligida, por alguém que aborrece ou causa aborrecimento, por alguém que agita ou causa agitação, que destrói vida, que toma o que não é dado, arromba casas, pilha as riquezas, comete roubaria, embosca nas estradas, comete adultério e fala mentiras — por este nenhum mal é cometido. Se alguém com uma roda afiada qual navalha fosse reduzir os seres vivos desta terra a uma única massa e amontoado de carne, não haveria qualquer mal nisto, nenhum mal resultaria disto. Se alguém fosse andar ao longo da margem sul do Ganges matando, mutilando ou causando que seja mutilado, torturando ou causando que seja torturado, não haveria qualquer mal nisto, nenhum mal resultaria disto. Ou se alguém fosse andar ao longo da margem norte do Ganges dando (presentes) ou causando que seja dado (presentes), oferecendo sacrifícios (à divindade) ou causando que sacrifícios fossem oferecidos, não haveria nenhum mérito nisto, nenhum mérito adviria disto. Em dar, no autocontrole, na abstinência e no falar a verdade, não há mérito, e nenhum mérito advém disto.’

18. Assim, venerável Senhor, ao ser questionado sobre os frutos visíveis da vida ascética, Pūraṇa Kassapa explicou-me a não-ação [ou a ineficácia da ação]. É como se ao ser questionado sobre mangueira alguém fosse descrever a árvore de fruta-pão, ou ao ser questionado sobre a árvore de fruta-pão alguém fosse descrever a mangueira; assim, ao ser indagado sobre os frutos da vida ascética, Pūraṇa Kassapa explicou-me a não-ação. Então, venerável Senhor, eu pensei: ‘Alguém como eu não deveria pensar com desprezo de qualquer asceta ou brâmane residente no meu território.’<sup>15</sup> Assim eu nem regoziquei-me nas palavras de Pūraṇa Kassapa e nem as rejeitei; mas, embora insatisfeito, não expressando minha insatisfação, sem aceitar ou abraçar sua doutrina, levantei-me de meu assento e fui embora.

### [III.b. A doutrina de Makkhali Gosāla]

19. Certa vez, venerável Senhor, eu me aproximei de Makkhali Gosāla.<sup>16</sup> Após trocar saudações e cortesias, eu sentei a um lado e perguntei: ‘Bom Gosāla, assim como existem vários profissionais e artesãos,... [como no § 14] ... Poderias tu, Gosāla, apontar para qualquer fruto da vida ascética que, similarmente, seja visível aqui e agora?’

20. Quando assim falei, venerável Senhor, Makkhali Gosāla disse-me: ‘Grande rei, não existe causa ou condição<sup>17</sup> para o aviltamento dos seres; os seres são corrompidos sem causa ou condição. Não há causa ou condição para a purificação dos seres; os seres são purificados sem causa ou condição. Não há

mangueira; assim, ao ser indagado sobre os frutos da vida ascética, Sañjaya Belat̥ṭhaputta respondeu-me com evasivas. Então, venerável Senhor, eu pensei: ‘Alguém como eu não deveria pensar com desprezo de qualquer asceta ou brâmane residente no meu território.’ Assim eu nem regojizei-me nas palavras de Sañjaya Belat̥ṭhaputta e nem as rejeitei ; mas, embora insatisfeito, não expressando minha insatisfação, sem aceitar ou abraçar sua doutrina, levantei-me de meu assento e fui embora.

### [III. Os Frutos Visíveis da Vida Ascética]

#### [III.a. Primeiro fruto visível da vida ascética]

34. E assim, venerável Senhor, eu agora pergunto ao Bem-aventurado: Assim como existem vários profissionais ou artesãos, tais como o cornaca, o domador de cavalos, combatente de biga, arqueiros, porta-bandeira, ajudantes (militares), comandantes de campo, oficiais sênior, batedores, heróis militares, combatentes corajosos, couraceiros, filhos de escravos, cozinheiros, barbeiros, atendentes de banho, padeiros, fazedores de grinaldas, lavadeiros, tecelões, vimeiros, ceramistas, calculistas e contadores — e quaisquer outros ofícios que existam. Todos esses gozam aqui e agora os frutos visíveis de seus ofícios; eles próprios adquirem felicidade e alegria, e eles dão felicidade e alegria a seus pais, esposas e filhos, a colegas e amigos; por meio de doações aos ascetas e brâmanes eles estabelecem o bem-estar espiritual, que leva ao céu, que resulta em felicidade, conducente a um mundo celestial. Seria possível, venerável Senhor, apontar para qualquer fruto da vida ascética que, similarmente, seja visível aqui e agora?”

“É possível, grande rei. Eu, por minha vez, vou te fazer uma pergunta e tu, grande rei, respondas como te convier.

35. O que tu pensas, grande rei? Suponha que exista um homem, um escravo, um trabalhador, que levanta antes de ti e vá para cama depois de ti, que faz com boa vontade tudo o que há para ser feito, de boas maneiras, de fala agradável, preocupado em deixar-te satisfeito. E este pensamento poderia lhe ocorrer: ‘Isto é estranho, isto é maravilhoso, o destino e os frutos dos feitos meritórios!’<sup>35</sup> Este rei Ajātasattu Vedehiputta de Magadha é um ser humano, e eu também sou um ser humano. No entanto o rei é adicto a, e entrega-se aos quintuplos prazeres sensuais, justamente como um *deva*, enquanto eu sou um escravo, um trabalhador... [igual ao anterior].. preocupado em deixá-lo satisfeito. Eu poderia ser igual a ele se eu fosse fazer feitos meritórios. Suponha que eu cortasse cabelos e barba, vestisse manto amarelo, abandonasse a vida caseira e

#### [II.c. A doutrina de Ajita Kesakambali]

22. Certa vez, venerável Senhor, eu me aproximei de Ajita Kesakambali.<sup>27</sup> Após trocar saudações e cortesias, eu sentei a um lado e perguntei: ‘Bom Kesakambali, assim como existem vários profissionais e artesãos,... [como no § 14] ... Poderias tu, Kesakambali, apontar para qualquer fruto da vida ascética que, similarmente, seja visível aqui e agora?’

23. Quando assim falei, venerável Senhor, Ajita Kesakambali disse-me: ‘Grande rei, não há nada dado, nada oferecido em sacrifício, nenhuma oblação; não há fruto ou resultado de bons e maus feitos; não há este mundo, não há outro mundo, não há mãe ou pai, não há seres surgidos espontaneamente [sem causa visível];<sup>28</sup> não existem no mundo ascetas ou brâmanes que têm atingido, que têm praticado perfeitamente, que explicam este mundo e o próximo, tendo-os realizado por seu próprio conhecimento superior. Este ser humano é composto dos quatro grandes elementos, e quando alguém morre a parte da terra (no seu corpo) reverte à terra, a parte da água à água, a parte do fogo ao fogo, a parte do ar ao ar, e as faculdades sensoriais passam para dentro do espaço. Eles acompanham o homem morto levado por quatro carregadores e o ataúde como quinto; seus louvores são ouvidos até eles alcançarem o local da cremação; lá seus ossos tornam-se esbranquiçados, seus sacrifícios (meritórios) terminam em cinzas. A prática de dar donativos é idéia dos tolos; a conversa daqueles que apregoam uma doutrina de sobrevivência [pós-vida] é vã e falsa. Com a dissolução do corpo, o tolo e o sábio são igualmente aniquilados e perecem; eles não existem após a morte.’

24. Assim, venerável Senhor, ao ser questionado sobre os frutos visíveis da vida ascética, Ajita Kesakambali explicou-me [sua doutrina de] aniquilação... [o resto como no § 18]. Assim eu nem regojizei-me nas palavras de Ajita Kesakambali e nem as rejeitei ; mas, embora insatisfeito, não expressando minha insatisfação, sem aceitar ou abraçar sua doutrina, levantei-me de meu assento e fui embora.

#### [II.d. A doutrina de Pakudha Kaccāyana]

25. Certa vez, venerável Senhor, eu me aproximei de Pakudha Kaccāyana.<sup>29</sup> Após trocar saudações e cortesias, eu sentei a um lado e perguntei: ‘Bom Kaccāyana, assim como existem vários profissionais e artesãos,... [como no § 14] ... Poderias tu, Kaccāyana, apontar para qualquer fruto da vida ascética que, similarmente, seja visível aqui e agora?’

26. Quando assim falei, venerável Senhor, Pakudha Kaccāyana disse-me:

‘Grande rei, existem estes sete corpos que são não-feitos, não-modelados, não-criados, são sem um criador, estéreis, imóveis, estáveis como um pilar. Eles não se abalam, não mudam, não obstruem um ao outro, nem são capazes de causar mutuamente prazer, dor ou ambos. Quais são estes sete? O corpo da água, do fogo, do ar, do prazer, da dor e o princípio vital [ou alma] como sétimo. Estes sete corpos são não-feitos... [igual ao anterior]. Assim, não há matança nem assassino, nem ouvinte nem proclamador, nem conhecedor nem causador de conhecimento. E qualquer um que decepa a cabeça de um homem com uma espada afiada não está privando-o de sua vida, ele tão só insere a lâmina no espaço intermediário entre estes sete corpos.’

27. Assim, venerável Senhor, ao ser questionado sobre os frutos visíveis da vida ascética, Pakudha Kaccāyana respondeu-me com algo completamente diferente... [o resto como no § 18]. Assim eu nem regojizei-me nas palavras de Pakudha Kaccāyana e nem as rejeitei; mas, embora insatisfeito, não expressando minha insatisfação, sem aceitar ou abraçar sua doutrina, levantei-me de meu assento e fui embora.

### [II.e. A doutrina de Nigaṇṭha Nātaputta]

28. Certa vez, venerável Senhor, eu me aproximei de Nigaṇṭha Nātaputta.<sup>30</sup> Após trocar saudações e cortesias, eu sentei a um lado e perguntei: ‘Bom Nātaputta, assim como existem vários profissionais e artesãos,... [como no § 14] ... Poderias tu, Nātaputta, apontar para qualquer fruto da vida ascética que, similarmente, seja visível aqui e agora?’

29. Quando assim falei, venerável Senhor, Nigaṇṭha Nātaputta disse-me: ‘Grande rei, aqui um Nigaṇṭha está contido com quádrupla continência. Como assim? Aqui, grande rei, um Nigaṇṭha é refreado com relação a toda água, jungido por toda água, escrupuloso quanto a toda água, e banhado por toda água.<sup>31</sup> E na medida em que um Nigaṇṭha está contido por esta quádrupla continência, ele é chamado auto-aperfeiçoado, autocontrolado, auto-estabelecido.’

30. Assim, venerável Senhor, ao ser questionado sobre os frutos visíveis da vida ascética, Nigaṇṭha Nātaputta explicou-me a quádrupla continência... [o resto como no § 18]. Assim eu nem regojizei-me nas palavras de Nigaṇṭha Nātaputta e nem as rejeitei; mas, embora insatisfeito, não expressando minha insatisfação, sem aceitar ou abraçar sua doutrina, levantei-me de meu assento e fui embora.

### [II.f. A doutrina de Saṅgha Belaṅghaputta]

31. Certa vez, venerável Senhor, eu me aproximei de Saṅgha Belaṅghaputta. Após trocar saudações e cortesias, eu sentei a um lado e perguntei: ‘Bom Belaṅghaputta, assim como existem vários profissionais e artesãos,... [como no § 14] ... Poderias tu, Belaṅghaputta, apontar para qualquer fruto da vida ascética que, similarmente, seja visível aqui e agora?’

32. Quando assim falei, venerável Senhor, Saṅgha Belaṅghaputta<sup>32</sup> disse-me: ‘Se tu me perguntares:

A.1. “Existe um mundo além?” Se eu pensasse que existe um mundo além, eu o declararia assim. Mas eu não digo “isto é assim”, nem digo que “isto é de outra maneira”. Eu não digo que “isto não é”, nem que “isto não não é assim”.

[Similarmente:]

A.2. “Não existe um mundo além?” — A.3. “Ambos, existe e não existe um mundo além?” — A.4. “Nem existe nem não existe um mundo além?”<sup>33</sup>

B.1. “Existem seres espontaneamente nascidos?”<sup>28</sup> — B.2. “Não existem seres espontaneamente nascidos?” — B.3. “Ambos, existem e não existem seres espontaneamente nascidos?” — B.4. “Nem existem nem não existem seres espontaneamente nascidos?”

C.1. “Existem fruto e resultado de boas e más ações?” — C.2. “Não existem fruto e resultado de boas e más ações?” — C.3. “Ambos, existem e não existem fruto e resultado de boas e más ações?” — C.4. “Nem existem nem não existem fruto e resultado de boas e más ações?”

D.1. “O *Tathāgata*<sup>34</sup> existe após a morte?” — D.2. “O *Tathāgata* não existe após a morte?” — D.3. “O *Tathāgata*, ao mesmo tempo, existe e não existe após a morte?” — D.4. “O *Tathāgata* nem existe nem não existe após a morte?”

Se eu pensasse que isto é assim, eu o declararia assim. Mas eu não digo que “isto é desta maneira”, nem que “isto é de outra maneira”. Eu não digo que “isto não é assim”, nem que “isto não não é assim”.

33. Assim, venerável Senhor, ao ser questionado sobre os frutos visíveis da vida ascética, Saṅgha Belaṅghaputta respondeu-me com evasivas. É como se ao ser questionado sobre mangueira alguém fosse descrever a árvore de fruta-pão, ou ao ser questionado sobre a árvore de fruta-pão alguém fosse descrever a

coração, polida, aprazível e encantadora a muita gente —, de tal tipo de fala torna-se ele um enunciador. Isto faz parte da sua moralidade.

(g) Tendo abandonado a tagarelice frívola [ou ociosa], ele é um abstinente de tagarelice frívola; ele fala no tempo apropriado, fala daquilo que é real, fala do que tem sentido, fala do Darma (lei natural), fala dos regulamentos disciplinares; em tempo oportuno ele pronuncia palavras (que valem) entesourar, bem-fundamentadas, circunscritas e proveitosas. Isto faz parte da sua moralidade.

45. (h) Ele abstém-se de danificar sementes e plantas.

(i) Ele toma uma refeição por dia, abstendo-se de comer de noite e de tomar alimentos em tempos impróprios.

(j) Ele abstém-se de assistir a espetáculos de feiras, danças, canto e música; de usar grinaldas, de embelezar-se com perfumes e de adornar-se com cosméticos; de usar camas largas e altas (luxuosas); de aceitar prata e ouro, grãos não-cozidos e carne cru, mulheres e meninas, escravos e escravas, animais, campos cultivados e terras virgens.<sup>41</sup>

(k) Ele abstém-se de atuar como intermediário ou mensageiro; de compras e vendas; de fraudar com pesos, metais (moedas?) e medidas; dos meios desonestos de suborno, trapaça e fraude.

(l) Ele abstém-se de ferir, matar, aprisionar, banditismo nas estradas, pilhagem e violência.

Isto faz parte da sua moralidade.

#### **[IV.b.2 A Secção Intermédia sobre Moralidade (*Majjhimasīla*)]**

46. Ao passo que alguns honrados ascetas e brâmanes, enquanto vivendo de alimentos fornecidos pelo crente, mantêm-se adictos a causar danos às mudas e às plantas — sejam elas propagadas de raízes, de caules, de artículos (nós), de brotos ou de sementes —, ele abstém-se de danificar mudas e plantas. Isto faz parte da sua moralidade.

47. Ao passo que alguns honrados ascetas e brâmanes... mantêm-se adictos ao uso e desfrute de bens armazenados, tais como alimentos, bebidas, roupas, equipagens, roupas de cama, perfumes e diversos comestíveis —, ele abstém-se de usar bens armazenados. Isto faz parte da sua moralidade.

48. Ao passo que alguns honrados ascetas e brâmanes... mantêm-se adictos à assistir a [diversos] espetáculos [*são enumerados 16 tipos diferentes*] —, ele abstém-se de assistir a tais espetáculos. Isto faz parte da sua moralidade.

49. Ao passo que alguns honrados ascetas e brâmanes... mantêm-se adictos a jogos e recreações [*são enumerados 18 diferentes jogos e passa-tempos*] —, ele abstém-se de tais jogos e recreações. Isto faz parte da sua moralidade.

abraçasse a vida sem lar!’

E antes de decorrido longo tempo, ele corta cabelos e barba, veste o manto amarelo, abandona a vida caseira e abraça a vida sem lar. E ele, tendo abraçado a vida sem lar, permanece contido no corpo, na fala e no pensamento, contente com o mínimo de alimento e abrigo, deliciando-se com a vida em solidão. Então se as pessoas fossem anunciar-te: ‘Majestade, tu lembras daquele escravo que trabalhou para ti e que cortou cabelos e barba, e foi embora abraçar a vida sem lar? Ele está vivendo contido em corpo, fala e pensamento... [*similar ao anterior*]... deliciando-se com a vida em solidão.’ — Tu dirias então: ‘Este homem deve voltar a ser um escravo, um trabalhador, que levanta antes de mim e vá para cama depois de mim... [*similar ao anterior*]... preocupado em deixar-me satisfeito?’”

36. “Certamente não, venerável Senhor. Melhor, nós deveríamos prestar-lhe homenagem, deveríamos nos levantar por respeito a ele e convidá-lo a sentar-se, e deveríamos convidá-lo a aceitar de nós roupas, alimento, alojamento, remédios para doenças e requisitos, e deveríamos fazer arranjos para prover-lhe proteção, defesa e segurança.”

“O que tu pensas, grande rei? Se isto for o caso, há ou não há aqui um fruto visível da vida ascética?” “Certamente que há, venerável Senhor.” “Então, grande rei, este é o primeiro fruto da vida ascética visível aqui e agora, que eu te mostro.”

#### **[III.b. Segundo fruto visível da vida ascética]**

37. “Mas, venerável Senhor, seria possível apontar para qualquer outro fruto da vida ascética que, similarmente, seja visível aqui e agora?”

“É possível, grande rei. Eu, por minha vez, vou te fazer uma pergunta e tu, grande rei, respondas como te convier.

O que tu pensas, grande rei? Suponha que exista um homem, um fazendeiro, um dono de casa, a teu serviço, administrador de uma fazenda, pagando taxas e aumentando a renda (imperial). Este pensamento poderia lhe ocorrer: ‘Isto é estranho, isto é maravilhoso, o destino e frutos dos feitos meritórios!... [*o resto igual ao § 35 acima, exceto que se trata de um administrador*]... E se as pessoas fossem anunciar-te: ‘Majestade, tu lembras daquele fazendeiro que trabalhou para ti e que cortou cabelos e barba, e foi embora abraçar a vida sem lar? Ele está vivendo contido em corpo, fala e pensamento... [*igual ao § 35*]... deliciando-se com a vida em solidão.’ — Tu dirias então: ‘Este homem deve voltar a ser um fazendeiro, um dono de casa a

meu serviço... [similar ao anterior]... pagando taxas e aumentando a renda (imperial)?”

38. “Certamente não, venerável Senhor. Melhor, nós deveríamos prestar-lhe homenagem, deveríamos nos levantar por respeito a ele e convidá-lo a sentar-se, e deveríamos convidá-lo a aceitar de nós roupas, alimento, alojamento, remédios para doenças e requisitos, e deveríamos fazer arranjos para prover-lhe proteção, defesa e segurança.”

“O que tu pensas, grande rei? Se isto for o caso, há ou não há aqui um fruto visível da vida ascética?” “Certamente que há, venerável Senhor.” “Então, grande rei, este é o segundo fruto da vida ascética visível aqui e agora, que eu te mostro.”

#### [IV. Frutos mais excelentes da vida ascética]

##### [IV.a. O surgimento de um Tathāgata, o Darma e a adoção da vida sem lar]

39. Mas, venerável Senhor, seria possível apontar-me qualquer outro fruto da vida ascética, visível aqui e agora, mais excelente e sublime do que esses dois frutos?”

“É possível, grande rei. Portanto, ouça com cuidado, presta atenção que eu vou falar.” “Sim, venerável Senhor”, disse o rei Ajātasattu, e o Bem-aventurado falou isto:

40. “Aqui, grande rei, um *Tathāgata* surge no mundo, um Arahāt [consumado], perfeitamente iluminado, dotado de (boa) conduta e (elevado) conhecimento, um Bem-andante, conhecedor do mundo, incomparável condutor dos homens a serem domados, instrutor de *devas* e seres humanos, um Buda,<sup>35b</sup> um Afortunado. Ele torna conhecido este mundo junto com os seus *devas*, *māras*<sup>36</sup> e Brahmas,<sup>36b</sup> esta geração com seus ascetas e brâmanes, seus governantes<sup>37</sup> e humanos, tendo-o conhecido por si mesmo e o experimentado por si mesmo. Ele ensina o Darma<sup>37b</sup> que é belo no começo, belo no meio, belo no fim —, em seu significado e em seu atributo; ele demonstra em toda sua plenitude a vida divina altamente pura.

41. Este Darma é ouvido por um dono de casa ou o filho de um dono de casa, ou por alguém renascido em alguma família ou outra. Tendo ouvido este Darma, ele ganha fé/convicção no *Tathāgata*. Possuído desta fé, ele reflete: ‘A vida caseira é apinhada e poeirenta, a vida sem lar é livre qual ar. Não é fácil, vivendo a vida caseira, viver a vida divina plenamente perfeita, purificada e polida qual uma concha. Suponha que eu cortasse meus cabelos e barba, vestisse os mantos

amarelos, abandonasse a vida caseira e abraçasse a vida sem lar!’ E após algum tempo, ele abandona suas propriedades — pequenas ou grandes, deixa seu círculo de parentes — pequeno ou grande, corta seus cabelos e barba, veste as roupas amarelas e vá embora para a vida sem lar.

42. E tendo ido embora (para a vida sem lar), ele vive contido pelas continências dos regulamentos disciplinares,<sup>38</sup> possuído de conduta correta, vendo perigo na mais leve falta; tendo assumido treinar nos regulamentos, ele vem a ser dotado de ação corpórea e ação verbal salutares; seu meio de vida purifica-se, e ele é possuído de moralidade [ou disciplina moral]. Ele guarda as portas dos sentidos; é dotado de mentação plena<sup>39</sup> e clara compreensão, e é contente.

#### [IV.b. Moralidade (*Sīla*)]

##### [IV.b.1. A Secção Menor sobre Moralidade (*Cūḷasīla*)<sup>40</sup>]

43. E como, grande rei, um bikshu é possuído de moralidade?

(a) Tendo abandonado a tomada de vida aos seres, ele abstém-se de tomada de vida. Ele pôs de lado a vara e a espada; consciencioso e cheio de bondade, ele vive movido pelo bem-estar do todos os seres sencientes. Isto faz parte da sua moralidade.

(b) Tendo abandonado a tomada daquilo que não é dado, ele abstém-se de tomar o que não é dado. Tomando somente o que é dado, aguarda pelo donativo; não cometendo nenhum furto, ele vive como alguém cujo ser é puro. Isto faz parte da sua moralidade.

(c) Tendo abandonado a incastidade, ele é um seguidor da vida divina. Ele vive afastado do que é mundano e abstém-se de relações sexuais. Isto faz parte da sua moralidade.

44. (d) Tendo abandonado a fala mentirosa, ele abstém-se de fala mentirosa. Ele é veraz e confiável; fidedigno e digno de confiança, ele não é embusteiro do mundo. Isto faz parte da sua moralidade.

(e) Tendo abandonado a fala caluniosa [ou bisbilhotice], ele abstém-se de fala caluniosa. Tendo ouvido (algo) aqui o não relata acolá com o fito de causar dissensão entre os de cá, ou tendo ouvido (algo) acolá o não relata aqui com o fito de causar dissensão entre os de lá; desta maneira ele é um conciliador dos divididos, ou um encorajador dos unidos. Ele acha prazer na união, deleita-se na união, regozija-se na união e torna-se um enunciador de fala promotora de união. Isto faz parte da sua moralidade.

(f) Tendo abandonado a fala rude, ele é um abstinente de fala rude; justamente aquela fala que é imaculada, agradável ao ouvido, afável, que toca o

#### [IV.e. Contentamento (*santuṭṭhi*)]

66. E como, grande rei, um bikshu é contente? Aqui, um bikshu está satisfeito com uma roupa para proteger seu corpo, com donativo alimentar para satisfazer seu estômago; e onde quer que ele vá, ele leva apenas seus requisitos. Justamente como um pássaro que voa para cá e para lá, sobrecarregado por nada, exceto suas asas —, assim ele está satisfeito com uma roupa para proteger seu corpo, com donativo alimentar para satisfazer seu estômago; e onde quer que ele vá, ele leva apenas seus requisitos. Desta maneira, grande rei, um bikshu é contente.

#### [IV.f. A eliminação dos impedimentos (*nīvaraṇapphāna*)]<sup>44</sup>

67. Então ele, dotado desta nobre moralidade, desta nobre continência dos sentidos, desta nobre mentação plena e clara compreensão, e deste nobre contentamento, ele procura um alojamento solitário, ao pé de uma árvore na floresta, uma caverna ou garganta montanhêsa, um terreno sepulcral, um matagal em floresta virgem, ou ao relento sobre uma pilha de palha. Então, tendo tomado sua refeição após seu retorno da ronda de mendicância (de alimento), ele senta-se em baixo com as pernas cruzadas, mantendo seu corpo ereto e concentra-se em manter a mentação plena diante de si.<sup>45</sup>

68. Tendo abandonado a cobiça pelo mundo, ele permanece com uma mente liberta de cobiça; ele purifica sua mente da cobiça. Tendo abandonado má vontade e raiva, ele permanece com uma mente benevolente, simpática para com o bem-estar de todos os seres vivos; ele purifica sua mente de má vontade e raiva. Tendo abandonado indolência [ou apatia] e torpor, ele permanece percebendo luz,<sup>46</sup> enquanto está com mentação plena e clara compreensão; ele purifica sua mente de indolência e torpor. Tendo abandonado inquietude e preocupação, ele permanece imperturbado e com o coração acalmado; ele purifica sua mente de inquietude e preocupação. Tendo abandonado a dúvida (cética), ele permanece com a dúvida ultrapassada, sem incerteza quanto às coisas que são salutares; ele purifica sua mente da dúvida.

69.<sup>47</sup> Justamente, grande rei, como um homem que tenha tomado um empréstimo para desenvolver seu negócio, e cujo negócio tenha prosperado, de maneira que pudesse pagar suas velhas dívidas e com o que tenha sobrado pudesse sustentar uma esposa; este pensamento poderia lhe ocorrer: 'Antes disto eu desenvolvi meu negócio emprestando, mas agora este prosperou de maneira que eu posso pagar minhas velhas dívidas e com o que sobra eu posso sustentar uma esposa', e ele regojisar-se-ia e ficaria alegre com isto.

70. Justamente, grande rei, como um homem que viesse a ficar doente, afligido, gravemente enfermo, sem apetite e com sua força (física) em declínio; e após um tempo, ele se recuperasse e adquirisse seu apetite e força corpórea; este pensamento poderia lhe ocorrer: 'Antes disto eu era doente, afligido... [similar

50. Ao passo que alguns honrados ascetas e brâmanes... mantêm-se adictos ao uso de camas e assentos, largos e altos (luxuosos) [são enumerados 20 tipos de camas, sofás, travesseiros e cobertores] —, ele abstém-se de usar camas e assentos, largos e altos. Isto faz parte da sua moralidade.

51. Ao passo que alguns honrados ascetas e brâmanes... mantêm-se adictos ao uso de meios de adorno e embelezamento [diversos meios são mencionados] —, ele abstém-se de tais dispositivos de adorno e embelezamento.<sup>42</sup> Isto faz parte da sua moralidade.

52. Ao passo que alguns honrados ascetas e brâmanes... mantêm-se adictos à conversa baixa,<sup>43</sup> tal como: conversa acerca de reis, ladrões, ministros, exércitos, perigos e guerras; conversa sobre alimentos, bebidas, roupas, camas, grinaldas e perfumes; conversa sobre relacionamentos, equipagens, vilarejos, vilas, cidades e países; conversa sobre mulheres e heróis; bisbilhotice nas ruas e junto aos poços de água; conversa acerca de defuntos; bate-papo dessultório; especulações acerca do mundo e do mar; conversa acerca de ganhos e perdas —, ele abstém-se de tal conversa baixa. Isto faz parte da sua moralidade.

53. Ao passo que alguns honrados ascetas e brâmanes... mantêm-se adictos à argumentação altercadora —, ele abstém-se de tais argumentações altercadoras. Isto faz parte da sua moralidade.

54. Ao passo que alguns honrados ascetas e brâmanes... mantêm-se adictos a servir de portadores de mensagens e recados para reis, ministros, nobres, brâmanes, donos-de-casa e jovens (...) —, ele abstém-se de trazer e levar mensagens e recados. Isto faz parte da sua moralidade.

55. Ao passo que alguns honrados ascetas e brâmanes... mantêm-se adictos a (fazer) trapaças, mastigação (de orações, etc.), adivinhação e esconjuro, enquanto sempre perseguem o ganho —, ele abstém-se de tais trapaças e palpites. Isto faz parte da sua moralidade.

#### [IV.b.3 A Secção Maior sobre Moralidade (*Mahāsīla*)]

56. Ao passo que alguns honrados ascetas e brâmanes... ganham a vida por meios de vida errôneos, por meio de artes baixas, como: quiromancia; divinação por meio de presságios e sinais; augúrios (...); prognosticação pela interpretação de sonhos; ler a sorte (...); oblações com fogo, do colherão, aquelas oferecidas aos deuses [5 tipos especificados] e da boca; oferecimento de sacrifícios de sangue aos deuses; predições (...); esconjuro de demônios no cemitério e de fantasmas; conhecimento de encantamentos (...); encantamentos contra serpentes; (...) vaticinar o número de anos que alguém ainda viverá; recitação de encantamentos para dar proteção contra flechas, para entender a voz dos animais —, ele abstém-se de tais meios de vida errôneos e artes baixas. Isto faz parte da sua moralidade.

57. Ao passo que alguns honrados ascetas e brâmanes... ganham a vida por meios de vida errôneos, por meio de artes baixas, tais como a interpretação do significado da cor, forma e outros aspectos das [diversas] coisas para determinar se elas pressagiam ventura ou infortúnio para os seus donos —, ele abstém-se de tais meios de vida errôneos e artes baixas. Isto faz parte da sua moralidade.

58. Ao passo que alguns honrados ascetas e brâmanes... ganham a vida por meios de vida errôneos, por meio de artes baixas, tais como fazer predições [em questões militares, vários exemplos são dados] —, ele abstém-se de tais meios de vida errôneos e artes baixas. Isto faz parte da sua moralidade.

59. Ao passo que alguns honrados ascetas e brâmanes... ganham a vida por meios de vida errôneos, por meio de artes baixas, tais como fazer predições [sobre a Lua, o Sol, as estrelas, os meteoritos e seus movimentos; sobre ocorrências de fogo no céu, terremotos, trovoadas; surgimento, desaparecimento, aclaramento e escurecimento da Lua, do Sol e das estrelas; os resultados a serem esperados dos fenômenos acima] —, ele abstém-se de tais meios de vida errôneos e artes baixas. Isto faz parte da sua moralidade.

60. Ao passo que alguns honrados ascetas e brâmanes... ganham a vida por meios de vida errôneos, por meio de artes baixas, tais como fazer predições: haverá abundantes chuvas, seca, boa colheita, escassez de alimentos, segurança, perigo, doenças, boa saúde; ou (ganham a vida por) contagem, cômputo, compondo poesias, filosofando [sofística] —, ele abstém-se de tais meios de vida errôneos e artes baixas. Isto faz parte da sua moralidade.

61. Ao passo que alguns honrados ascetas e brâmanes... ganham a vida por meios de vida errôneos, por meio de artes baixas, tais como: arranjando datas e tempos auspiciosos para casamentos, noivados e divórcios; fixando um tempo de sorte para economizar ou gastar dinheiro; uso de encantamentos (...); usar feitiços (...); obter respostas oraculares a perguntas por meio de um espelho, uma garota (possuída?) ou um *deva*; adoração do Sol; servir ao Grande (Brahmā?); cuspir fogo pela boca; invocar Sirī, a deusa da sorte —, ele abstém-se de tais meios de vida errôneos e artes baixas. Isto faz parte da sua moralidade.

62. Ao passo que alguns honrados ascetas e brâmanes, enquanto vivendo de alimentos fornecidos pelo crente, ganham a vida por meios de vida errôneos, por meio de artes baixas, tais como: prometer presentes aos *devas* em troca de favores e cumprir tais promessas; recitação de encantamentos (...); provocar virilidade ou impotência; preparar e santificar sítios para casas; ministrar rituais (...); oferecer sacrifícios; dar eméticos, purgantes e remédios para diversas partes do corpo; curar cataratas; praticar a cirurgia e a pediatria; dar medicamentos (bálsamo, etc.) para sanar os efeitos colaterais dos remédios anteriores —,

ele abstém-se de tais meios de vida errôneos e artes baixas. Isto faz parte da sua moralidade.

63. Então, grande rei, o bikshu que é possuído de moralidade não vê qualquer perigo (vindo) de qualquer lado devido ser ele contido por moralidade. Justamente como um nobre guerreiro (*kshatria*) devidamente ungido que, tendo derrotado seus inimigos, por este mesmo fato não vê perigo (vindo) de qualquer lado —, assim o bikshu que é possuído de moralidade, não vê perigo em qualquer lugar. Dotado desta nobre disciplina moral, ele experimenta internamente uma irrepreensível felicidade. Desta maneira, grande rei, um bikshu é possuído de moralidade.

#### [IV.c. Continência dos sentidos (*indriyasamvara*)]

64. E como, grande rei, o bikshu guarda as portas dos sentidos? Aqui, um bikshu, ao ver uma forma (visível) com o olho, ele não se agarra ao seu signo ou aos atributos secundários. Porquanto cobiça e aflição, maus estados insalutares, o subjugaria se ele permanecesse com sua faculdade-olho [= visão] incontida; assim ele pratica a continência, ele guarda a faculdade-olho, desenvolve continência sobre a faculdade-olho. [Semelhantemente] ao ouvir um som com o ouvido,... ao cheirar um odor com o nariz,... ao degustar um sabor com a língua,... ao tocar um objeto (tangível) com o corpo,... ao ter cognição de objeto mental com a mente, ele não se agarra ao seu signo ou aos atributos secundários. Porquanto cobiça e aflição, maus estados insalutares, o subjugaria se ele permanecesse com sua faculdade-mente incontida; assim ele pratica a continência, ele guarda a faculdade-mente, desenvolve continência sobre a faculdade-mente. Dotado desta nobre continência dos sentidos, ele experimenta internamente uma irrepreensível felicidade. Desta maneira, grande rei, o bikshu guarda as portas dos sentidos.

#### [IV.d. Mentação plena e clara compreensão (*sati-sampajañña*)]

65. E como, grande rei, um bikshu é dotado de mentação plena e clara compreensão [ou conscientização]? Aqui, um bikshu age com clara compreensão ao ir para frente e ao retornar, ao olhar para frente e olhar para trás; ele age com clara compreensão ao dobrar e estender (os membros), ao vestir sua roupa externa e interna, e ao carregar sua tigela (de mendicância); ele age com clara compreensão ao comer, beber, mastigar e engolir, ao evacuar e urinar; ele age com clara compreensão ao andar, ao ficar de pé, ao sentar, ao deitar, ao despertar, ao falar e ao manter silêncio. Desta maneira, grande rei, o bikshu é dotado de mentação plena e clara compreensão.



tomá-la na sua mão e inspecioná-la, assim a descreveria: ‘Esta é uma gema de berilo, da mais pura água... [similar ao anterior]. Da mesma maneira, grande rei, o bikshu, com a mente concentrada, purificada e translúcida... [igual ao § 83]..., e tendo adquirido imperturbabilidade, ele direciona e inclina sua mente para conhecimento e visão. E ele sabe assim: ‘Este é meu corpo, tem forma material... [igual ao § 83]... E esta é minha consciência que está a ele amarrada e dele é dependente.’

Isto, grande rei, é um fruto visível aqui e agora da vida ascética, mais excelente e sublime do que os anteriores.

#### **[IV.1. Produção de um corpo feito-de-mente (mano-mayaṃ kayam)]**

85. E ele, com a mente concentrada, purificada e translúcida, sem mácula, livre de impurezas, maleável, manejável, firme, e tendo adquirido imperturbabilidade, ele direciona e inclina sua mente para a produção de um corpo feito-de-mente. E a partir desse corpo, ele produz outro corpo, que tem forma (material),<sup>54</sup> feito-de-mente, completo em todos os seus membros e faculdades.

86. Justamente, grande rei, como se um homem fosse tirar um junco de seu feixe. Este pensamento poderia lhe ocorrer: ‘Este é o junco [ou cana], este é o feixe; junco e feixe são diferentes. Ora, o junco foi retirado do feixe.’ Ou se um homem fosse puxar uma espada da bainha. Este pensamento poderia lhe ocorrer: ‘Esta é a espada, esta é a bainha; espada e bainha são diferentes. Ora, a espada foi puxada da bainha.’ Ou se um homem fosse retirar [imaginativamente] uma serpente de sua [velha] pele. Este pensamento poderia lhe ocorrer: ‘Esta é a serpente, esta é a pele; serpente e pele são diferentes. Ora, a serpente foi retirada da pele.’ Da mesma maneira, grande rei, o bikshu, com a mente concentrada, purificada e translúcida... [igual ao § 85]..., e tendo adquirido imperturbabilidade, ele direciona e inclina sua mente para a produção de um corpo feito-de-mente. E a partir desse corpo, ele produz outro corpo, que tem forma (material), feito-de-mente, completo em todos os seus membros e faculdades.

Isto, grande rei, é um fruto visível aqui e agora da vida ascética, mais excelente e sublime do que os anteriores.

#### **[IV.m. As 6 Formas do Conhecimento Superior (abhiññā)]**

##### **[1. Poderes mágicos ou páranormais (iddhi-vidhā)]**

87. E ele, com a mente concentrada, purificada e translúcida, sem mácula, livre de impurezas, maleável, manejável, firme, e tendo adquirido imperturbabilidade, ele direciona e inclina sua mente para diversos poderes supernormais.<sup>55</sup> Ele experimenta os vários poderes fornecidos: tendo sido um, ele torna-se muitos e tendo sido muitos, ele torna-se um; ele aparece e desaparece; ele passa

ao anterior]... e eu readquiri meu apetite e força corpórea’, e ele regoijisar-se-ia e ficaria alegre com isto.

71. Justamente, grande rei, como um homem que estivesse retido na prisão e que, após um tempo, viesse a ser libertado salvo e seguro, sem nenhuma perda das suas possessões; este pensamento poderia lhe ocorrer: ‘Antes disto eu estava na prisão, e agora estou livre e em segurança, e não perdi nada das minhas possessões’, e ele regoijisar-se-ia e ficaria alegre com isto.

72. Justamente, grande rei, como um homem que fosse escravo, não seu próprio dono, subserviente a outros, incapaz de ir aonde desejasse, e após um tempo viesse a ser libertado da escravidão, independente, não subserviente a outros, livre, capaz de ir aonde desejasse; este pensamento poderia lhe ocorrer: ‘Antes disto eu era um escravo... [similar ao anterior]... agora sou capaz de ir aonde eu desejar’, e ele regoijisar-se-ia e ficaria alegre com isto.

73. Justamente, grande rei, como um homem que tivesse um carregamento de mercadorias e possessões e fosse partir para uma longa jornada através do deserto, onde o alimento fosse escasso e os perigos abundassem, e após um tempo ele atravessasse o deserto e chegasse são e seguro à periferia de um vilarejo; este pensamento poderia lhe ocorrer: ‘Antes disto eu corria perigo, agora eu estou em segurança na periferia de um vilarejo’, e ele regoijisar-se-ia e ficaria alegre com isto.

74. Da mesma maneira, grande rei, quando um bikshu percebe o não desaparecimento dos cinco impedimentos nele próprio<sup>48</sup>, ele sente-se como estando em dívida, como estando na doença, na prisão, na escravidão, numa jornada no deserto. Mas, quando ele percebe o desaparecimento dos cinco impedimentos nele próprio, é como se ele estivesse liberto da dívida, da doença, da prisão, da escravidão e dos perigos do deserto.

75a. E quando ele vê que esses cinco impedimentos foram abandonados dentro de si, alegria surge nele; da alegria surge o enlevo; com a mente banhada de enlevo, seu corpo torna-se tranqüilo; com o corpo tranqüilo, ele sente felicidade, e estando feliz sua mente torna-se concentrada.

#### **[IV.g. O primeiro jhāna (absorção meditativa)]**

75b. Estando assim segregado dos desejos sensoriais, segregado de estados insalutares, ele adentra e permanece no primeiro jhāna (absorção meditativa) que é acompanhada de pensamento e de ponderação [ou investigação/exame], e cheio de enlevo e felicidade nascidos do retiro [ou isolamento]. E com este enlevo e felicidade nascidos do retiro, ele inunda, embebe, satura e impregna seu corpo de tal maneira que não há nenhum ponto em todo seu corpo que não esteja impregnado por este enlevo e felicidade.

76. Justamente, grande rei, como um atendente hábil da casa de banhos ou

seu assistente que, amassando o sabão em pó que ele borrifou com água, forma disto, num prato metálico, uma massa mole, de maneira que a bola de sabão em pó estaria impregnada de umidade, abrangida pela umidade, saturada pela umidade interna e externamente sem, no entanto, gotejar ou pingar. Da mesma maneira, grande rei, o bikshu inunda, embebe, satura e impregna seu corpo com este enlevo e felicidade nascidos do retiro de tal maneira que não há nenhum ponto em todo seu corpo que não esteja impregnado por este enlevo e felicidade.

Isto, grande rei, é um fruto visível aqui e agora da vida ascética que é mais excelente e sublime do que os anteriores.<sup>49</sup>

#### **[IV.h. O segundo *jhāna* (absorção meditativa)]**

77. Demais, grande rei, o bikshu, com o amainar do pensamento e da ponderação, adentra e permanece no segundo *jhāna*, que é isento de pensamento e ponderação, e é acompanhado de serenidade interna e unicidade de mente, cheio de enlevo e felicidade nascidos da concentração. E com este enlevo e felicidade nascidos da concentração, ele inunda, embebe, satura e impregna seu corpo de tal maneira que não há nenhum ponto em todo seu corpo que não esteja impregnado por este enlevo e felicidade.

78. Justamente, grande rei, como uma lagoa que fosse abastecida por uma nascente situada no fundo, sem nenhum influxo proveniente do leste, oeste, norte ou sul; tampouco o deus da chuva mandasse modestos aguaceiros de tempos em tempos; mas, um fluxo de água fria que brota de baixo, viesse a inundar, embeber, saturar e impregnar a lagoa toda, de maneira que não haja nenhuma parte desta lagoa que não esteja impregnada pela água fria. Da mesma maneira, grande rei, o bikshu inunda, embebe, satura e impregna seu corpo com este enlevo e felicidade nascidos da concentração de tal maneira que não há nenhum ponto em todo seu corpo que não esteja impregnado por este enlevo e felicidade.

Isto, grande rei, é um fruto visível aqui e agora da vida ascética que é mais excelente e sublime do que os anteriores.

#### **[IV.i. O terceiro *jhāna* (absorção meditativa)]**

79. Demais, grande rei, o bikshu, com o desvanecimento do enlevo, permanece equânime, (dotado de) mentação plena e claramente compreensivo, e experimenta em si mesmo aquela felicidade a respeito da qual os nobres dizem: 'Feliz é aquele que habita na equanimidade e mentação plena', e ele adentra e permanece no terceiro *jhāna*. E com esta felicidade isenta de enlevo, ele inunda, embebe, satura e impregna seu corpo de tal maneira que não há nenhum ponto em todo seu corpo que não esteja impregnado por esta felicidade.

80. Justamente, grande rei, como se num tanque de lótus azuis, vermelhos ou brancos,<sup>50</sup> nascidos na água, crescidos na água, que nunca emergem, mas que florescem imersos na água —, esses lótus desde o ápice até a raiz estivessem inundados, embebidos, saturados e impregnados pela água fria, de maneira que não haja nenhuma parte nesses lótus que não esteja impregnada pela água fria. Da mesma maneira, grande rei, o bikshu inunda, embebe, satura e impregna seu corpo com esta felicidade isenta de enlevo de tal maneira que não há nenhum ponto em todo seu corpo que não esteja impregnado por esta felicidade.

Isto, grande rei, é um fruto visível aqui e agora da vida ascética que é mais excelente e sublime do que os anteriores.

#### **[IV.j. O quarto *jhāna* (absorção meditativa)]**

81. Demais, grande rei, o bikshu, tendo abandonado prazer e dor, e com o desaparecimento da alegria e tristeza anteriores, adentra e permanece no quarto *jhāna* que está além do prazer e dor, e que está purificado por equanimidade e mentação plena. E ele, sentado, impregna seu corpo com esta pureza e translucidez mental de maneira que não há nenhum ponto em todo seu corpo que não esteja impregnado por esta pureza e translucidez mental.

82. Justamente, grande rei, como um homem que estivesse sentado e encoberto da cabeça aos pés com um traje branco, de maneira que nenhuma parte de seu corpo estivesse descoberto por este traje. Da mesma maneira, grande rei, o bikshu, sentado, impregna seu corpo com uma pureza e translucidez mental de tal maneira que não há parte nenhuma de seu corpo que não esteja impregnado por estes.

Isto, grande rei, é um fruto visível aqui e agora da vida ascética, mais excelente e sublime do que os anteriores.

#### **[IV.k. Conhecimento e visão (*nāṇa-dassana*)]**

83. E assim, com a mente concentrada, purificada e translúcida, sem mácula, livre de impurezas,<sup>51</sup> maleável, manejável, firme, e tendo adquirido imperturbabilidade, ele direciona e inclina sua mente para conhecimento e visão. E ele sabe assim: 'Este é meu corpo, tem forma material, é composto dos quatro grandes elementos, nascido de mãe e pai, alimentado com arroz e mingau e sopa de aveia, impermanente, sujeito à raspagem e esfolagem, à dissolução e desintegração. E esta é minha consciência que está a ele amarrada e dele é dependente.'<sup>52</sup>

84. Justamente, grande rei, é como se existisse uma gema de berilo<sup>53</sup> da mais pura água, bem cortada nas suas oito facetas, clara, límpida, sem falhas, dotada de excelentes qualidades, e ela fosse enfiada numa corda ou azul ou amarela ou vermelha ou branca ou alaranjada. Um homem com boa acuidade visual, ao

estão caminhando nas ruas, essas estão sentadas na praça central.’ Da mesma maneira, grande rei, o bikshu, com a mente concentrada, purificada e translúcida... [igual ao § 95]..., e tendo adquirido imperturbabilidade, ele direciona e inclina sua mente ao conhecimento do passamento e surgimento dos seres. Com o olho divino, que é purificado e supera o de humanos, ele vê seres que partem [falecem] e surgem: inferiores e superiores, bonitos e feios, afortunados e desafortunados; e ele sabe claramente como os seres vêm a ser de acordo com seus carmas.

Isto, grande rei, é um fruto visível aqui e agora da vida ascética, mais excelente e sublime do que os anteriores.

### **[6. Conhecimento da extinção dos cancros (*āsavakkhaya*)**

97. E ele, com a mente concentrada, purificada e translúcida, sem mácula, livre de impurezas, maleável, manejável, firme, e tendo adquirido imperturbabilidade, ele direciona e inclina sua mente ao conhecimento da destruição dos cancros.<sup>70</sup> Ele sabe claramente como realmente é: ‘Isto é sofrimento [e insatisfatoriedade].’<sup>71</sup> Ele sabe claramente como realmente é: ‘Isto é a origem do sofrimento.’ Ele sabe claramente como realmente é: ‘Isto é a cessação do sofrimento.’ Ele sabe claramente como realmente é: ‘Isto é o caminho que leva à cessação do sofrimento.’ Ele sabe claramente como realmente é: ‘Estes são os cancros (morais).’ Ele sabe claramente como realmente é: ‘Isto é a origem dos cancros.’ Ele sabe claramente como realmente é: ‘Isto é a cessação dos cancros.’ Ele sabe claramente como realmente é: ‘Isto é o caminho que leva à cessação dos cancros.’

E assim sabendo e vendo, sua mente é libertada do cancro do desejo sensual, do cancro do vir-a-ser, do cancro da ignorância; e o conhecimento surge nele: ‘Está libertado!’ E ele sabe claramente: ‘Exausto está o nascimento, a vida divina foi vivida, feito está o que havia para ser feito, não há mais nada disto [renascimentos].’<sup>72</sup>

98. Justamente, grande rei, como numa lagoa (situada) num vale montanhês, de água clara, límpida e imaculada. Um homem, de boa acuidade visual, estando na margem, poderia ver conchas de ostra, areia e cascalho, e cardumes de peixe em movimento ou estacionários. Este pensamento poderia lhe ocorrer: ‘Está lagoa é de água clara, límpida e imaculada; E dentro dela estão conchas de ostras, areia e cascalho, e cardumes de peixe em movimento ou estacionários.’ Da mesma maneira, grande rei, o bikshu, com a mente concentrada, purificada e translúcida... [igual ao § 97]..., e tendo adquirido imperturbabilidade, ele direciona e inclina sua mente ao conhecimento da destruição dos cancros. Ele sabe claramente como realmente é: ‘Isto é sofrimento... [igual ao § 97]’ E o conhecimento surge nele: ‘Está libertado!’ E ele sabe claramente: ‘Exausto está o nascimento, a vida divina foi vivida, feito está o que havia para ser feito, não

através de cercas, paredes e montanhas desimpedido, como se fosse através do ar; ele afunda dentro do solo e dele emerge como se isto fosse água; ele anda sobre a água sem perturbar sua superfície, como se fosse sobre a terra; sentado de pernas cruzadas ele voa através do céu como um pássaro alado; ele até toca e afaga com sua mão o Sol e a Lua, embora fossem possantes e poderosos;<sup>56</sup> e até ao mundo do Brahmā ele se alça, tal o domínio sobre seu corpo.

88. Justamente, grande rei, como um hábil oleiro ou seu assistente que pode fazer de uma argila bem-preparada qualquer tipo de tigela que desejar; ou justamente como um hábil entalhador de marfim ou seu assistente que pode produzir de um marfim bem-preparado qualquer objeto de marfim que desejar; ou justamente como um hábil ourives ou seu assistente que pode fazer qualquer artigo de ouro que desejar. Da mesma maneira, grande rei, o bikshu, com a mente concentrada, purificada e translúcida... [igual ao § 87]..., e tendo adquirido imperturbabilidade, ele direciona e inclina sua mente para diversos poderes supernormais. Ele experimenta os vários poderes fornecidos ... [similar ao § 87].

Isto, grande rei, é um fruto visível aqui e agora da vida ascética, mais excelente e sublime do que os anteriores.

### **[2. Ouvido divino (clariaudiência) (*dibba-sota*)**

89. E ele, com a mente concentrada, purificada e translúcida, sem mácula, livre de impurezas, maleável, manejável, firme, e tendo adquirido imperturbabilidade, ele direciona e inclina sua mente ao elemento-ouvido divino.<sup>57</sup> Com o elemento-ouvido divino, que é purificado e que supera o dos seres humanos, ele ouve sons tanto divinos quanto humanos, distantes ou próximos.

90. Justamente, grande rei, como um homem que, numa viagem ao longo da estrada, fosse ouvir o som de um grande tambor, de um pequeno tambor, de uma concha, de pratos ou de timbale; este pensamento poderia lhe ocorrer: ‘Este é um grande tambor... [similar ao anterior].’ Da mesma maneira, grande rei, o bikshu, com a mente concentrada, purificada e translúcida... [igual ao § 89]..., e tendo adquirido imperturbabilidade, ele direciona e inclina sua mente ao elemento-ouvido divino. Com o elemento-ouvido divino, que é purificado e que supera o dos seres humanos, ele ouve sons tanto divinos quanto humanos, distantes ou próximos.

Isto, grande rei, é um fruto visível aqui e agora da vida ascética, mais excelente e sublime do que os anteriores.

### **[3. Conhecimento da mente alheia (*ceto-pariya-ñāṇa*)**

91. E ele, com a mente concentrada, purificada e translúcida, sem mácula, livre de impurezas, maleável, manejável, firme, e tendo adquirido imperturbabi-

lidade, ele direciona e inclina sua mente ao conhecimento das mentes alheias. Ele conhece claramente a mente de outros seres ou outras pessoas, tendo-as distinguido com sua (própria) mente. Ele conhece claramente a mente com paixão como mente com paixão e a mente sem paixão como mente sem paixão;<sup>58</sup> ele conhece claramente a mente com ódio como mente com ódio e a mente sem ódio como mente sem ódio. [Similarmente] ele conhece claramente a mente deludida... a mente não-deludida... a mente acanhada<sup>59</sup>... a mente perturbada... a mente desenvolvida [ou exaltada]<sup>60</sup>... a mente não-desenvolvida<sup>61</sup>... a mente superada<sup>62</sup>... a mente não-superada<sup>63</sup>... a mente concentrada<sup>64</sup>... a mente não-concentrada<sup>65</sup>... ele conhece claramente a mente libertada como mente libertada<sup>66</sup> e a mente não-libertada como mente não-libertada.

92. Justamente, grande rei, como uma mulher, um homem ou um menino, desejoso de adornos, que, ao examinar seu reflexo facial num espelho brilhantemente polido ou na água clara duma vasilha, viesse a saber se no mesmo há algum nevo [ou mácula], ‘este tem um nevo’, ou se no mesmo não há qualquer nevo, ‘este não tem nevo’. Da mesma maneira, grande rei, o bikshu, com a mente concentrada, purificada e translúcida... [igual ao § 91]..., e tendo adquirido imperturbabilidade, ele direciona e inclina sua mente ao conhecimento das mentes alheias. Ele conhece claramente a mente de outros seres ou outras pessoas, tendo-as distinguido com sua (própria) mente. Ele conhece claramente a mente com paixão como mente com paixão e a mente sem paixão como mente sem paixão... [igual ao § 91].

Isto, grande rei, é um fruto visível aqui e agora da vida ascética, mais excelente e sublime do que os anteriores.

#### **[4. Lembrança das existências anteriores (retrocognição de suas existências) (pubbe-nivāsānussati)]**

93. E ele, com a mente concentrada, purificada e translúcida, sem mácula, livre de impurezas, maleável, manejável, firme, e tendo adquirido imperturbabilidade, ele direciona e inclina sua mente ao conhecimento da recordação das existências anteriores. Ele recorda suas numerosas existências passadas: um nascimento, dois nascimentos, três, quatro, cinco nascimentos; dez, vinte, trinta, quarenta ou cinqüenta nascimentos; cem nascimentos, mil nascimentos, cem mil nascimentos; vários períodos de contração (do mundo), de expansão, de contração-expansão.<sup>67</sup> [Ele se lembra:] ‘Lá eu tinha tal e tal nome, pertencia a tal e tal clã, tinha tal e tal aparência; tal e tal era minha alimentação, tal e tal minha experiência de dor e prazer, tive tal e tal tempo de vida. Tendo partido [ao falecer] daquele estado [de existência], eu surgi ali. Lá eu tinha tal e tal nome... [similar ao anterior]. E tendo partido de lá, eu surgi aqui.’ Assim ele rememora suas numerosas existências passadas, nos seus modos e detalhes.

94. Justamente, grande rei, como um homem que fosse de seu próprio vilarejo

para um outro vilarejo, e deste para um outro ainda, e então retornasse ao seu vilarejo natal. Este pensamento poderia lhe ocorrer: ‘Eu fui do meu próprio vilarejo para esse outro vilarejo onde eu fiquei parado de pé assim ou assado, sentei-me assim ou assado, falei ou me mantive em silêncio assim ou assado; e daquele vilarejo eu fui para um outro ainda onde eu fiquei parado de pé assim ou assado, sentei-me assim ou assado, falei ou me mantive em silêncio assim ou assado; e de lá eu acabo de voltar para o meu vilarejo natal.’<sup>68</sup> Da mesma maneira, grande rei, o bikshu, com a mente concentrada, purificada e translúcida... [igual ao § 93]..., e tendo adquirido imperturbabilidade, ele direciona e inclina sua mente ao conhecimento da recordação das existências anteriores. Ele recorda suas numerosas existências passadas... [igual ao § 93]... Assim ele rememora suas numerosas existências passadas, nos seus modos e detalhes.

Isto, grande rei, é um fruto visível aqui e agora da vida ascética, mais excelente e sublime do que os anteriores.

#### **[5. Olho divino (clarividência) (dibba-cakhu)]**

95. E ele, com a mente concentrada, purificada e translúcida, sem mácula, livre de impurezas, maleável, manejável, firme, e tendo adquirido imperturbabilidade, ele direciona e inclina sua mente ao conhecimento do passamento e surgimento dos seres. Com o olho divino,<sup>69</sup> que é purificado e supera o de humanos, ele vê seres que partem [falecem] e surgem: inferiores e superiores, bonitos e feios, afortunados e desafortunados; e ele sabe claramente como os seres vêm a ser de acordo com seus carmas, assim: ‘Estes seres — que foram dotados de má conduta em corpo, fala e mente, que insultaram os nobres, mantiveram pontos de vista errôneos, e atuaram guiados por essas visões errôneas —, com a dissolução do corpo, após a morte, eles surgiram num mundo inferior, num mau destino, numa esfera de sofrimento, no purgatório. Mas, estes seres — que foram dotados de boa conduta em corpo, fala e mente, que não insultaram os nobres, mantiveram pontos de vista corretos, e atuaram guiados por essas visões corretas —, com a dissolução do corpo, após a morte, eles surgiram num bom destino, num mundo celestial.’ Assim, com o olho divino, que é purificado e supera o de humanos, ele vê seres que partem [falecem] e surgem: inferiores e superiores, bonitos e feios, afortunados e desafortunados; e ele sabe claramente como os seres vêm a ser [ou jornadeam] de acordo com seus carmas.

96. Justamente, grande rei, como se numa encruzilhada central existisse um prédio imponente e um homem com boa acuidade visual que estivesse parado lá pudesse ver pessoas entrando e saindo de uma casa, caminhando nas ruas, ou sentados na praça central. Este pensamento poderia lhe ocorrer: ‘Essas pessoas estão entrando na casa, essas estão saindo da casa, essas pessoas

4 Nobres Pessoas” (*ariya-puggala*). Veja também “Apêndice IV”, Nota 1 sob a rubrica de *Mahāli Sutta*.

O *Arahat* era visto como alguém no qual todos os cancos (*āsava*, v. Nota 70) que produziram carma adicional, e assim continuação da existência na esfera sensual, foram extinguidos. O estado de *Arahat* é expresso freqüentemente em fórmula de ocorrência reiterada, a mais conhecida das quais é: “Destruído está o (re-)nascimento, vivida está a vida divina, feito está o que havia para ser feito, não há mais nada disto [renascimentos]” (Veja § 97). O estado de Iluminação ou *Arahat* não está restrito pela idade ou sexo. Há um exemplo no cânone de um menino de sete anos que teria atingido este estado. Muitas mulheres (bikshunis, monjas-mendicantes) são nominalmente mencionadas nos antigos textos, como sendo *Arahats*. São conhecidos uns quinhentos homens *Arahats*, que eram bikshus, e umas setenta mulheres bikshunis; o AN iii.451 dá uma lista de 21 *Arahats* leigos.

9. *Loka*, a palavra que descreve o universo inteiro, embora seu significado principal pareça ser aquele que o descreve como o “habitat” dos deuses e dos homens. De acordo com uma passagem, freqüentemente repetida nos *Nikāyas*, o Buda é alguém que entendeu o mundo “com seus *devas*, *Māra* e *Brahmā*; toda a criação com os ascetas e brâmanes, o mundo dos homens e dos *devas*.” Nestas passagens e em outras o *loka* é explicado como sendo todo o mundo perceptível. O *loka* na sua imensidade é ilimitado. No Cânone Páli ele é considerado como um dos elementos “impensáveis”.
10. Alguém que treina homens (que fossem capazes de serem treinados), assim como um condutor ou cocheiro que treina cavalos.
11. *Deva*, literalmente, “o radiante”; é um ser celestial equivalente ao deus em latim. Os *devas* são seres que vivem em mundos mais felizes na esfera celestial, de corpos físicos sutis, e são invisíveis aos homens comuns. Eles não são “deuses” no sentido absoluto, porque não são eternos, mas sujeitos, como todos os seres sentientes, ao nascimento, velhice e morte; e assim não estão livres do ciclo da existência e nem do sofrimento. Há muitas classes de seres celestiais.
12. Antigamente, quando queria-se indicar uma grande quantidade de qualquer coisa, usavam-se números inflados: “quinhentos”, “mil”, “dez mil”, etc. No presente caso também, a intenção é indicar que foi aprontado um número considerável de elefantes.
13. O filho que eventualmente estava destinado a matá-lo e que, por sua vez, seria assassinado pelo seu filho Anuruddhaka. Sua mãe era Vajirā, filha do rei Pasenadi, que foi dada como esposa ao rei Ajātasattu.
14. *Pūraṇa* era o nome de seu instrutor, e Kassapa de sua clã. Ele era um andarilho nu. Pontos de vista como os seus, envolvendo negação de qualquer recompensa ou punição devido a maus ou bons atos (carmas), eram vistos como especialmente perniciosos.
15. Provavelmente devido a sua má consciência. Mas a observação também sugere o enorme (e nem sempre merecido) respeito que os instrutores andarilhos recebiam.
16. *Makkhali* era seu (próprio) nome; seu segundo nome, *Gosāla* (“do estábulo”) deri-

há mais nada disto [renascimentos].’

Isto, grande rei, é um fruto visível aqui e agora da vida ascética, mais excelente e sublime do que os anteriores. E, grande rei, não há nenhum outro fruto visível aqui e agora da vida ascética que seja mais excelente e sublime do que este.”<sup>73</sup>

#### **[V. Conclusão. O rei Ajātasattu declara-se um seguidor leigo]**

99. Quando isto foi falado, o rei Ajātasattu Vedehiputta de Māgadha disse isto ao Bem-aventurado: “Excelente, venerável Senhor! Excelente, venerável Senhor! É como se alguém fosse colocar de pé algo que tenha sido colocado de cabeça para baixo, ou revelasse aquilo que estivesse oculto, ou viesse apontar o caminho certo a alguém que tenha se perdido, ou fosse trazer uma lamparina-de-óleo para dentro de um recinto escuro de maneira que, aqueles possuídos de acuidade visual, pudessem ver o que há nele. Justamente assim, venerável Senhor, o Afortunado acaba de explanar o Darma de variadas maneiras. Eu mesmo, venerável Senhor, vou ao Afortunado como refúgio, e ao Darma e à Comunidade (de bikshus) (*saṅgha*). Que o Afortunado me aceite como um seguidor leigo (*upāsaka*) que recorreu a ele como refúgio, a partir deste dia e pelo resto da vida, enquanto esta perdurar!

Venerável Senhor, uma transgressão<sup>74</sup> me sobrepujou. Eu era tão tolo, tão errante e tão inábil que, por causa do trono, privei da vida meu próprio pai, um homem justo e um rei justo. Que o Afortunado reconheça minha transgressão como transgressão para que eu venha a me conter no futuro.”<sup>75</sup>

100. “Deveras, grande rei, transgressão sobrepujou-te. Tu eras tão tolo, tão errante, tão inábil que, por causa do trono, privaste da vida teu próprio pai, um homem justo e um rei justo. Mas, dado que tu admitiste a transgressão como transgressão e estás fazendo reparação de acordo com o Darma, nós o reconhecemos. Porquanto, grande rei, isto é crescimento na disciplina do Nobre: que uma pessoa veja sua transgressão como transgressão, que faça reparação de acordo com o Darma, e consiga continência no futuro.”

101. Quando isto foi falado, o rei Ajātasattu Vedehiputta de Māgadha disse isto ao Bem-aventurado: “Bem, venerável Senhor, nós devemos agora partir. Nós temos muitos deveres e muita coisa para fazer.” “Faça, grande rei, o que pensas ser apropriado.”

Então o rei Ajātasattu Vedehiputta de Māgadha, regojizando-se e deliciando-se com as palavras do Bem-aventurado, levantou-se de seu assento, homenageou o Bem-aventurado circundando-o [mantendo-o à sua direita] e partiu.

102. Tão logo o rei Ajātasattu partiu, o Bem-aventurado dirigiu-se aos bikshus: “Este rei, bikshus, arruinou a si próprio, destruiu a si próprio.<sup>76</sup> Se este rei não tivesse privado da vida seu pai, um homem justo e um rei justo, então enquanto

sentado neste mesmo assento, o olho do Darma<sup>77</sup> desempoadado e imaculado nele surgiria.”

Assim falou o Bem-aventurado. Exalçados mentalmente, os bikshus regozijaram-se com as palavras do Bem-aventurado.



## NOTAS

1. *Sāmañña*, abstração da palavra *samaña* (asceta; sânscrito: *śramaṇa*), significa “o estado de *samaña*”, “a vida de *samaña* (= vida ascética)”. A palavra *samaña* refere-se a um dos vários tipos de ascetas que existiam na antiga Índia. Geralmente todos eram andarilhos. Havia os ascetas filósofos (filósofo-andarilho), ascetas-nus, ascetas que faziam votos de animais (i.é., imitavam em tudo os animais), etc. Buda era considerado como pertencente à primeira categoria, e os não-budistas referiam-se a ele como “o *samaña* Gotama”.
2. O narrador é o discípulo Ânanda.
3. O médico do rei. O nome Jivaka Komārabhacca significa uma pessoa viva que tem sido criada e educada por um príncipe. Em *Mahāvagga* (Vin i.268-80) é relatado como Jivaka, filho de uma cortesã, tinha sido encontrado e criado pelo príncipe Abhaya, como teria freqüentado a escola de medicina em Taksila, e como eventualmente veio a ser designado como o médico pessoal de Buda e dos bikshus. Ele havia atingido o fruto da Entrada-na-Corrente [um dos estágios espirituais; veja Nota 8b]. O discurso do MN 55 (sobre o comer carne) é endereçado a ele.
4. *Upasatha* (sânscrito *upavasatha*): aqui denota um dia de jejum brâmane. Mais tarde, no budismo, o dia quinzenal de confissão para os bikshus.
5. *Kattika*, o tempo sazonal que vai de meados de outubro a meados de novembro.
6. Chamado assim devido ao lírio d’água branco (*kumuda*) que floresce nessa época.
7. Reinou ca. 491–459 a.C. Ele havia matado seu pai, o nobre Bimbisāra, para apossar-se do trono. (O rei Bimbisāra havia atingido a senda da Entrada-na-Corrente ao final do primeiro discurso que tinha ouvido de Buda, quando ele o havia encontrado logo depois da Iluminação do mesmo.) O rei Ajātasattu tinha um gosto para discussões filosóficas com sábios. O estudioso Rhys Davids diz que este não era seu nome pessoal mas um epíteto oficial. Os astrólogos que foram consultados antes de seu nascimento vaticinaram: “Mesmo que ele não esteja ainda nascido (*ajāta*), ele será o inimigo do rei (*sattu*)”; assim ele recebeu o nome de Ajātasattu “inimigo não nascido” (Comentários). O significado literal deste nome poderia significar ainda “ele contra quem um inimigo (capaz de derrotá-lo) não nasceu ainda”, embora em vista de seu ato parricida este veio a ser considerado como significando “o inimigo não-nascido (i.é. enquanto ainda no útero) de seu pai” — com elaboração lendária. Nas fontes Jainas ele é chamado *Kūṇika* ou *Koṇika*. *Vedehiputta* significa “filho da mulher (do clã) Videha.”
8. “Nosso coração” é plural real. Ajātasattu estava atormentado na consciência devido ao seu crime; veja nota anterior e § 99.
- 8b. *Arahat*. Literalmente, “o merecedor”, também “o consumado”. Termo usado no Budismo Theravāda para se referir a uma pessoa que alcançou o estágio final do progresso espiritual (o nirvana). Quatro estágios de realização espiritual eram distinguidos:  
  
(1) *sotāpanna*, “o adentrador-de-corrente”; (2) *sakādāgami*, “o que retorna uma vez”; (3) *anāgāmi* “o que não retorna” e (4) *Arahant*. Estes são chamados de “As

faculdades (mentais-emotivas). Alguns destes significados são comuns também a algumas filosofias indianas; outros são peculiares ao budismo. Buddhaghosa, no seu comentário ao *Dīgha Nikāya*, distingue quatro significados do Darma: tendo referência a boa conduta; instrução moral; doutrina de Buda conforme contida nos textos e lei cósmica (não-eu, insubstancialidade, etc.). Em outro comentário, ele substitui a instrução moral pela condição ou antecedente causal. Os principais significados são, portanto, doutrina ou ensinamento, retidão ou virtude, condição e fenômeno. Destes, o mais proeminente é o primeiro; por este é entendido o *dhamma* (Darma) do Buda, uma das Três Jóias (*ti-ratana*) do sistema budista. Nesta acepção, Darma significa a verdade universal proclamada pelo Buda. O Darma é, ele próprio, ontologicamente anterior ao Buda, que é também a expressão ou a manifestação histórica do Darma (veja Nota 35b). Budas aparecem, a intervalos, no decorrer do tempo; eles vêm e vão, mas o Darma continua para sempre. Nesta acepção, o Darma corresponde de alguma maneira à concepção grega de *Logos*. É neste sentido que o budista recorre ao Darma como refúgio. Os discursos de Buda, desde que proclamam esta realidade ulterior, ou verdade, do Darma, são referidos coletivamente como Darma, ou seja, Doutrina ou Ensinamento (*sāsana*). Uma vida vivida consoante à verdade, ensinada pelo Buda, é uma vida caracterizada pelo Darma, isto é, retidão. O Darma, descoberto e proclamado pelo Buda, é sumariado nas Quatro Nobres Verdades. Darma como objeto da mente pode ser qualquer coisa do passado, presente ou futuro, corpórea ou mental, condicionada ou não, real ou imaginária.

38. *Pātimokkha*, o código dos regulamentos disciplinares monásticos fundamentais, no total 227 regulamentos para os bikshus e 311 para bikshunis.

39. *Sati* (sânscrito: *smṛti*), etimologia original significa “lembrança, recordação”. Como termo técnico na área de meditação, é traduzido corretamente em inglês por *mindfulness*; e em português erroneamente por “plena atenção”. A atenção é uma fase preliminar que antecede à *sati*, sua função sendo a de manter em foco o(s) objeto(s) da meditação. Quando estável, ela é denominada *yoniso manasikāra*, “atenção plena” ou “atenção judiciosa”. Calcada na atenção, estabelece-se um “estar cômico” permanente, uma apreensão mental mais aprofundada dos fenômenos objetos da meditação, que nós denominamos “mentação plena”. A idéia básica nos exercícios de mentação plena (*sati*) é que os processos corporais ou mentais devam ser acompanhados de perto mediante contemplação ou observação cômica. Desta maneira, a consciência é focalizada no presente momento e nos fenômenos pessoais. Esta auto-observação é praticada até ela tornar-se um hábito. Assim, a pessoa aprende a se conhecer e a expelir de sua mente todas as coisas perturbadoras e irrelevantes.

Eis uma das definições mais concisas que o Buda deu: “E o que é, discípulos, plena mentação correta? Aqui um discípulo, após ter afastado mágoas e avidez mundanas, permanece na contemplação do corpo, dos sentimentos, da mente, dos objetos mentais — atento, ardente e claramente cômico.” Como vemos aqui, o Buda inclui a atenção como um dos meios auxiliares para estabelecer-se a men-

va do fato de ele ter nascido no vilarejo de Gosāla. Porém, outros dizem que ele teria nascido num estábulo. Ele era líder/fundador da seita dos Ājivikas, um movimento ascético na Índia que era notável por seu rigoroso e austero determinismo. Makkhali rejeita tanto o carma quanto seus efeitos.

17. *Hetu*, significa “causa”; *paccaya* significa “condição”.
18. *Kamma*, mas não exatamente no sentido budista de “ação volicional”.
19. De acordo com os cinco sentidos fisiológicos: olho, ouvido, nariz, língua e corpo como a base do sentido tátil.
20. Do pensamento, palavra e ação.
21. “Meia ação”, somente no pensamento.
22. Basicamente, deuses-serpentes. Textos budistas referem-se a vários reis *nāgas* e retratam os *nāgas* como devotos de Buda.
23. *Nigaṇṭhi-gabbhā*: “renascimentos como Nigaṇṭha”. Veja Nota 31.
24. Ambos, a forma (*paṭuva*, *pavuṭā*?) e o significado desta palavra são duvidosos.
25. A visão budista do carma é assim negado.
26. *Samsāra*, “Ciclo ou Roda de Renascimento”. Literalmente, “perambular perpétuo”. O termo refere-se à noção de se andar através de uma vida após outra, num processo que parece infundável e inexorável. O Budismo argumenta que para apreciar adequadamente a verdade de *dukkha* (sofrimento e insatisfação) (veja Nota 71) envolvido em toda existência, não é suficiente considerar um só tempo de vida, no qual *dukkha* poderá ou não ser imediatamente aparente; alguém deve ter em vista toda a medonha e infundável corrente de renascimentos e a soma de misérias nela contida. O *samsara* refere-se não só aos seres humanos, mas também aos animais.
27. Ajita era seu nome, e ele vestia um manto feito de cabelos humanos (*kesakambala*). Os budistas consideravam o manto cabeludo como um artigo de vestuário repulsivo. Buda disse certa vez: “Bikshus, dentre quaisquer artigos de vestuário existentes, o manto de cabelos é considerado o mais repulsivo. Um manto de cabelos é frio no tempo de frio, quente no tempo de calor, feio, com cheiro fétido, e desconfortável ao tato.” (AN i.286) Ajita Kesakambala era um materialista; ao pregar aniquilação na morte, fecha a possibilidade para qualquer resultado cármico.
28. *Opapātikā*. Assim chamados porque eles adquirem existência própria, ou aqui ou em outro mundo, sem a intervenção de pais, e assim parecem surgir sem nenhuma causa.
29. Ele defendia uma teoria atômica. A doutrina de Pakudha parece excluir responsabilidade pessoal.
30. O nome dado no Cânone Páli ao Vardhamāna Mahāvira (ca 540–568 a.C.), o líder dos Jainas. Ele é várias vezes mencionado (desfavoravelmente) no Cânone, p.ex. em MN 56. Nigaṇṭha significa “livre de nós ou de laços”. Veja nota seguinte.
31. *Sabba-vāri-vārito*, *sabba-vāri-yuto*, *sabba-vāri-dhuto*, *sabba-vāri-phuṭto*. Eles não representam o genuíno ensinamento Jaina, mas parecem parodiá-lo em forma de trocadilho. Os Jainas têm um regulamento de continência com respeito à água, e *vāri* pode significar “água”, “continência”, e possivelmente “pecado”; e algumas das formas verbais são igualmente duvidosas. A referência a alguém “livre dos laços” e, no entanto, amarrado por estas continências (sejam quais forem) é

um paradoxo deliberado. O Nigaṅṭha simplesmente incorre em petição de princípio, ao afirmar que um Nigaṅṭha tem atingido o fim.

32. No *Brahmajāla Sutta*, § 2.27 (DN 1) [disponível no nosso site: [www.centrobudista.com](http://www.centrobudista.com)], ascetas do tipo de Saṅjaya Belaṭṭhaputta eram considerados evasivos, que recorriam a declarações evasivas e coleavam qual enguias. Sāriputta e Mogallāna, os mais famosos discípulos de Buda, eram originalmente seguidores de Saṅjaya.
33. As quatro “alternativas” da lógica indiana: uma coisa (a) é, (b) não é, (c) é e não é, ao mesmo tempo, (d) nem é nem não é.
34. *Tathāgata*. É um epíteto freqüentemente usado pelo Buda ao se referir a si mesmo. O significado literal é ou “aquele que tenha assim (*tathā*) vindo ou chegado (*āgata*)” ou “aquele que tenha lá (*tethā*) ido (*gata*)”; mas a razão para o uso deste termo é ainda incerta, havendo muitas e diferentes explanações para tanto.
35. Feitos meritórios (*puñña*) não levam à iluminação, mas a uma (temporária) felicidade futura neste mundo ou em outra esfera. Este é o objetivo usual do budismo “popular” que foi ensinado como “segunda via” pelo próprio Buda.
- 35b. Buda (páli/sânscrito, *Buddha*). “Um Iluminado”, “um Desperto”; é um ser distinguido dos outros pelo seu conhecimento da Verdade ou Lei (Darma, *Dhamma*, veja Nota 37b). Buda não é um nome próprio, mas apelativo. Pelo ensinamento budista, o conhecimento perfeito, a Lei emancipadora, que tenha sido perdida para o mundo, é mais uma vez redescoberta pelo novo Buda emergente, por ele realizada e claramente proclamada ao mundo. Tal ser é denominado mais precisamente por *Sammā-sambuddha*, o “Perfeitamente Iluminado”. A doutrina característica de todos estes sucessivos Budas consiste das Quatro Nobres Verdades acerca do sofrimento, sua origem, sua extinção e o caminho que leva a sua extinção (veja Nota 71). Uma vez atingida a Iluminação na sua última vida nesta terra, o Buda perdura como tal enquanto sua vida física dura; após isto, ele não tem qualquer relação com o mundo do espaço e tempo, de acordo com o pensamento do budismo Theravāda. Mas no budismo Maaiana, os Budas são considerados seres transcendentais aos quais o apelo para ajuda é permitido por algumas escolas.
36. *Māra*. Literalmente, “O Matador”; às vezes traduzido por “O Tentador”, “O Mau”. Ele é tido como um ser demoníaco que é o arquiinimigo de todos quantos procuram viver a vida divina. De acordo com a tradição budista, ele tentou impedir o Buda de alcançar a Iluminação. O *Māra* aparece de quando em quando ao longo da vida de Buda, por vezes assumindo as formas humana ou animal como disfarce; mas sempre com a mesma completa inabilidade de efetuar qualquer mau propósito contra Buda, que sempre o reconhece sob seu disfarce. *Māra* é representado como sempre procurando perturbar especialmente os bikshus e bikshunis budistas quando estão empenhados em meditação, geralmente quando estão prestes a atingir um dos estágios meditativos e seu fruto; isto pode acontecer também a um praticante leigo. Uma notável aparição dele ocorre no *Mahā-Parinibbāna Sutta* (DN 16), onde ele tenta persuadir Buda de que era a hora para ele deixar

esta existência mortal e entrar no nirvana final, argumentando que o Buda teria prometido fazê-lo assim que seu ensinamento do Darma tivesse tido sucesso e sua religião estabelecida entre os homens, e que estas condições já teriam sido preenchidas. Buda, nesta ocasião, concorda com *Māra* e declara que em três meses ele efetivamente passaria ao *parinibbāna* (Nirvana final). Nas religiões indianas este conceito de “O Mau” é peculiar ao budismo. *Māra* é um ser cuja natureza combina aquelas forças que militam contra a vida religiosa, especialmente as qualidades moralmente insalutares de avidez, ódio e delusão. Ele é tido como dominando o mais inferior dos três planos de existência: o mundo sensual. Num estágio de entendimento mais avançado e sofisticado, a figura de *Māra* é vista como sendo um nome para tudo que é impermanente, insatisfatório e impessoal. O papel da crença em *Māra*, na história do budismo, parece ter sido o de prover uma transição das noções populares de maus demônios descarnados, à análise mais abstrata da situação humana em termos psicológico-morais, e um meio proveitoso de entender a resistência à vida divina que um homem pudesse experimentar, resistência esta que pode ser superada pelo seguimento do caminho budista.

*Māra*, o tentador personificado, é análogo ao Satã bíblico. Ambos *Māra* e *Brahmā* estão sujeitos ao renascimento, e seus “ofícios” são retomados por outros seres de acordo com seus carmas.

- 36b. A palavra “*Brahmā*” deriva do termo védico *brāman* que, na literatura védica anterior ao Buda, empregava-se em duas formas gramaticais: como neutro e no masculino. Na sua forma neutra, já encontrada no *ṛg-veda*, significava (nas palavras do estudioso Martin Haug) “uma força mágica que é derivada da cooperação ordeira dos hinos, dos cânticos e das oferendas sacrificiais”; a forma masculina correspondia aproximadamente ao que nós denotamos por “brāmane”. A forma masculina de “*Brahmā*” só surgiu mais tarde, provavelmente pouco antes da era de Buda. Um outro emprego, “*brahma*”, exclusivamente budista, derivado do mesmo termo e usado como adjetivo tem o sentido de algo supremo, sublime, quase-divino.

Eis as qualificações que eram-lhe atribuídas, de acordo com *Brahmajāla Sutta*, § 2.5: “O Grande *Brahmā*, o Conquistador, o Inconquistável, o Todo-Vidente, o Todo Poderoso, o Senhor, o Fazedor e Criador, o Soberano, o Designador e Ordenador, o Pai de tudo que existe e existirá.”

37. *Deva*, de novo, desta feita no sentido de “*devas* por convenção”, i.é., reis, governantes. Quando é usado para dirigir-se a um rei, este corresponde à “Majestade”.
- 37b. *Darma* (*dhamma*, páli; *dharma*, sânscrito). Literalmente, “suporte”, “esteio”, “mantenedor”. É traduzido variavelmente por religião, verdade, doutrina, lei, norma, justiça, retidão, qualidade, virtude, essência, constituinte ulterior, fenômeno, natureza, constituintes da natureza, coisa, objeto da mente, qualidade moral, entidade, etc. No plural, a palavra tem outros significados adicionais: fenômenos ou princípios (morais, naturais); hábitos ou costumes ou comportamentos (bons ou maus); constituições ou elementos do caráter; eventos, coisas (mentais-emotivas);



estão de tal modo obsecados com a teoria da evolução contínua, que suas mentes não estão sendo capazes de conceber outras idéias alternativas.

Eis alguns trechos do *Brahmajāla Sutta* (disponível no nosso *site*) que tratam do assunto:

§ 2.2. Chega uma época, bikshus, quando cedo ou tarde, após o intervalo de um longo período, este mundo contrai-se. Enquanto o mundo está se contraindo, os seres na sua maioria aparecem na (esfera de) Ābhassara.<sup>19</sup> Lá eles existem, feitos de mente,<sup>20</sup> alimentando-se de enlevo,<sup>21</sup> autoluminosos, movimentando-se através do ar, subsistindo em glória —, e assim eles permanecem por um longo período de tempo.

Nota 19. Radiância, fulgor. Espécie de seres descritos no Cânone Páli como habitantes de um mundo chamado *Ābhassaraloka*. No Digha Nikāya, eles são reconhecidos apenas como seres; provavelmente, é na literatura mais tardia que eles vieram a ser considerados como *devas*. Esta esfera aparece ainda em dois sutras do DN, no contexto da estória das origens do mundo e dos seres: o mundo Ābhassara é onde parte dos seres vão aparecer (renascer) quando o sistema-mundo começa a se dissolver, no seu curso permanente de evolução (*vivaṭṭa*) e involução (*saṃvaṭṭa*). De acordo com *Aggañña Sutta* (DN 27), os Ābhassaras são habitantes do mundo de onde os seres renascem (provêm) quando da re-evolução da Terra que já tivera sua involução.

Esta esfera não é a mais elevada, mas está, talvez espacialmente e certamente espiritualmente, acima do mundo de Brahmā, descrito mais adiante. Ela não está sujeita à destruição e, portanto, é um dos locais de onde provêm os seres quando da evolução do mundo. Ao contrário, o mundo de Brahmā, mencionado mais adiante, é destruído pela conflagração, mas reaparece num dos estágios preliminares.

Nota 20. *Manomayā*. Mentalmente criados, não são gerados sexualmente. Eles são *devas* (veja Nota 54).

Nota 21. Não requerem alimento material, mas são nutridos pelo fator de regozijo/enlevo (*pīti*) da absorção meditativa (*jhāna*). Ela não é classificada como sentimento, mas como parte do grupo das formações mentais (*saṅkhārā*), i.é. como uma reação mental.

68. Os três vilarejos são metáforas para os três mundos do desejo sensual, do mundo material (forma) e do mundo informe (Comentários).
69. *Dibba-cakkhu*: em tradução aproximada, clarividência; não confundir com o olho-do-Darma (§ 102). Veja Nota 77.
70. *Āsava*: de *ā-savati* “flui em direção a” (i.é., ou “para dentro” ou “para fora” em direção ao observador). Variavelmente traduzido por “intoxicantes”, “influxos”, “cancros (mentais)”. Um cancro adicional, o de visões errôneas (*diṭṭhāsava*), é às vezes acrescentado. A destruição dos cancos é equivalente à Arahaticidade (estado de Arahata) (veja Nota 8b).
71. *Dukkha* (páli), *duḥkha* (sânscrito). Variavelmente traduzido por “sofrimento”, “dor”, “insatisfatoriedade”, etc. Como a primeira das Quatro Nobres Verdades e a segunda das Três Características da Existência, o termo *dukkha* não é limitado só à experiência dolorosa, mas refere-se à natureza insatisfatória e à insegurança geral

tação plena.

40. Estes títulos sobre moralidade ocorrem, nos manuscritos, após cada secção. Estas secções formam parte de cada um dos 13 sutras desta divisão do DN. Por isso, esta divisão foi denominada de *Silakkhandha Vagga* ou Divisão sobre Moralidade.
41. No entanto, mais tarde, o Buda aceitou terras doadas ao *Saṅgha* (Comunidade de bikshus) pelo Anāthapiṇḍika e outros.
42. É possível que este texto seja anterior à redação final do Vinaya (livro da Disciplina). Dos vinte itens aqui mencionados, três (usar xampu, banhos e sombrinhas) eram permitidos no *Saṅgha* e praticados pelo próprio Buda. Quartos de banho são permitidos pelo Vin CV VI.4.10 (iii.189); uso de xampu por Vin CV V.1.5 (iii.68) e VIII.8.2. O uso de sombrinhas é permitido por Vin CV V.23.3 (iii 132-3), e há referência a ele no Vin CV.9.5 (iii.88) e VIII.1.2.  
O exame dos textos no Vinaya mostra claramente que as permissões foram introduzidas em certas épocas para atender às circunstâncias emergentes. Isto mostra que o texto no *Brahmajāla Sutta* e em *Samaññaphala Sutta* é anterior às modificações introduzidas.
43. literalmente: animalesca.
44. Os Cinco Impedimentos (*pañca-nīvaraṇā*), são características que servem de obstáculos à mente e cega nossa visão mental. Na sua presença nós não podemos atingir nem a concentração-confinante (*upacāra-samādhī*) e nem a concentração plena (*appaṇa-samādhī*). Em outras palavras, não se pode atingir as absorções meditativas (*jhāna*) sem que antes eles sejam eliminados temporariamente.  
Os Impedimentos são: (1) Cobiça (*abhiṅgha*) ou desejo sensual (*kāmacchanda*); (2) má vontade (*vyāpāda*); (3) indolência [ou apatia] e torpor (*thīna-middha*); (4) irrequietude e preocupação (*uddhacca-kukkucca*); (5) dúvida (cética) (*vicikicchā*).
45. *Parimukhaṃ satim upaṭṭhapetvā*: provavelmente significando “tendo estabelecido firmemente a mentação plena”.
46. O cultivo da percepção da luz é dado como um recurso padrão para a superação do impedimento de indolência e torpor. Veja Nota 44.
47. Os parágrafos 69–73 correspondem aos cinco impedimentos do § 68.
48. Os cinco impedimentos são temporariamente dissipados pelos estados de *jhāna*.
49. Com isto é concluída a resposta de Buda à primeira parte da pergunta colocada no § 39.
50. *Uppala* (sânscrito, *utpala*), *paduma* (sânscrito, *padma*), *puṇḍarīka* são diferentes tipos de loto, usualmente da cor especificada.
51. *Upakkilesa* (a ser distinguido de *kilesa* “aviltamento”). A maioria destes não são aviltamentos em si, mas impedimentos potenciais num certo estágio da meditação introvisiva.
52. O estudioso Rhys-Davids comenta que este e outros trechos desaprovam a idéia de que a consciência (*viññāṇa*) transmigra. Por manter esta crença Sāti foi severamente repreendido pelo Buda (MN 38) (v. “Apêndice IV, *Mahātaṇhāsankhaya Sutta*”). Pensa-se que uma nova consciência de religação (*paṭisandhī*) venha a surgir na concepção, dependente da velha.
53. *Veḷuriya*: da forma metatética *veruliya* vem *beryllos* grego, “berilo”, e disto o alemão *Brille* “óculos” (originalmente de berilo).
54. *Manomayā*: mentalmente criado, não gerado sexualmente. Eles são *devas*. Num

outro sentido, todos os *dhammas* são declarados como sendo feitos de mente (Dhammapada, estrofes 1–2). O segundo corpo criado é exatamente como o corpo físico. Este corpo feito-de-mente é confundido com uma alma ou com o eu (self).

55. *Iddhi* (sânscrito, *ṛddhi*), não como freqüentemente declarado, *siddhi*). Havia uma tendência de desconsiderar estes poderes, o que não se faz necessário. Mas, a despeito de serem mencionados aqui, Buda desaprovava suas práticas (p.ex., DN 11.5). Alguns destes poderes são parecidos àqueles dos fenômenos párapicológicos, como psicocineses, levitação, etc.
56. Os Comentários não têm nada de útil a dizer sobre isto, e os comentaristas modernos também estão silenciosos; mas “tocar o Sol e a Lua” provavelmente refere-se a alguma experiência psíquica. De qualquer modo, isto com certeza não deve ser tomado literalmente.
57. *Dibba-sota*: em tradução aproximada, clariaudiência. *Dibba* (sânscrito, *divya*), derivado da mesma raiz que o *deva*; compare com o latim *divus*.
58. A lista de estados mentais que segue é repetida no *Mahāsatipaṭṭhāna Sutta* (DN 22), o mais importante discurso de Buda sobre meditação.
59. *Saṅkhittaṃ cittaṃ* (do verbo *saṅkhipati*; compare com *saṅkhittena*, “brevemente”); uma mente que é “contraída” ou “encolhida” por indolência e torpor e outros parecidos.
60. *Mahaggataṃ*, “crescida grande” através dos *jhānas*.
61. “Não crescida grande”, não desenvolvida pelos *jhānas*.
62. *Sa-uttaraṃ*, “tendo (outros estados mentais) superiores a ela”, é sinônimo com mente “não-desenvolvida”.
63. *An-uttaraṃ*, “não tendo outros estados (mentais) superando-a” poderia parecer referir-se à consciência transcendental, mas os Comentários referem-no a estados mundanos e, portanto, efetivamente sinônimo com a mente “desenvolvida”. Em vista da tautologia envolvida nos últimos dois casos, é de se perguntar se a explicação dos Comentários é correta. Mas, veja Nota 62.
64. *Samāhitaṃ*: tendo atingido *samādhi*, i.é., absorção meditativa (*jhāna*).
65. Não tendo atingido tal *jhāna*; veja Notas 61, 62.
66. *Vimuttaṃ*. De acordo com os Comentários, isto refere-se à mente que é temporariamente “libertada” ou por introvisão ou pelo *jhāna*, que suprime os aviltamentos. Nenhum destes é, naturalmente, uma libertação verdadeira e permanente. “Não há aqui ocasião para as liberações por meio de cortar, calmaria final (*paṭipassaddhi*) e escape final (*nissaraṇa*)”: em outras palavras, nós estamos lidando aqui com o mundo mundano do iniciante em meditação.
67. *Samvatta-vivaṭṭaṃ*, involução–evolução. Estas são as duas divisões primárias do grande éon (*mahākappa*). A duração de um único processo evolucionário é um éon ou ciclo mundial, um *kappa*, que os Comentários o subdividem em quatro: uma fase de dissolução (involução) (*saṃvaṭṭa kappa*); uma fase estática após a dissolução e antes da próxima fase de evolução (*saṃvaṭṭa tiṭṭhati*); um período de evolução (*vivaṭṭa kappa*); e um período estático após a evolução e antes da próxima fase de dissolução (*vivaṭṭa tiṭṭhati*). A duração de qualquer uma dessas fases de um *kappa* não pode ser determinado; sendo, portanto, incalculável, ele é freqüentemente ilustrado por meio de símiles.

De acordo com o Prof. Rhys Davids, nem a idéia e nem a palavra ocorrem em textos anteriores ao Buda. Mas, ele considera ser esta uma teoria mais indiana do que budista.

Importante notar que esta teoria astronômica antiga tem sua equivalente moderna. O astrônomo Edwin Powell Hubble (1889–1953) demonstrou que o espaço, inflado pelo sopro de uma explosão primordial, expande-se levando com ele galáxias inteiras. Allan Rex Sandage, considerado por muitos como o astrônomo deste final de século e tido como um herdeiro do Hubble, já propôs que o Universo pode ter um movimento de expansão e contração num período de 80 bilhões de anos. Estes astrônomos não são os únicos a defender esta teoria. Recentemente dois cientistas — o físico Paul Steinhardt da Universidade de Princeton (Estados Unidos), juntamente com Neil Turok do Centro para Ciências Matemáticas em Cambridge (Reino Unido) publicaram um trabalho, com base em novos dados, que afirma ser o Big Bang um evento cíclico. A dupla escreveu um artigo publicado em 25/04/2002 eletronicamente pela “Science” ([www.sciencexpress.org](http://www.sciencexpress.org)). Eis alguns trechos que resumem esta teoria conforme publicado em alguns jornais:

“O Universo, tal qual é conhecido vai terminar em um colapso. A causa é uma misteriosa energia que hoje está acelerando a expansão do cosmo, mas que, em trilhões de anos, fará justamente o contrário. Depois disso, teremos um novo Big Bang. E assim sempre foi e assim sempre será.” (...) “A nova teoria propõe que o Universo seja cíclico — ou seja, composto por seqüências intermináveis de Big Bangs (grandes explosões) e Big Crunchs (grandes implosões), que nunca tiveram um início e nunca terão um fim.” (...) “Como o próprio artigo diz, a idéia de um Universo com períodos cíclicos de expansão e contração tem mais de 70 anos. De tempos em tempos essas velhas idéias ressurgem”, diz George Matsas, do Instituto de Física Teórica da Unesp.”

Interessante notar que estes astrônomos não fazem referência a doutrina cosmológica da antiga Índia, conforme se reflete nos textos budistas e outros textos científicos antigos do país. Seria ignorância?

Outra coisa importante a notar na teoria budista explanada por Buda no *Brahmajāla Sutta* (veja mais adiante), é que, mesmo nos períodos de contração, as formas de vida não são suprimidas de todo, subsistindo em esferas especiais de onde brotarão, vindo a surgir, entre outros, na Terra durante a expansão do Universo. Neste contexto, não podemos deixar de pensar no enigma do que convencionou-se chamar, em Paleontologia e Antropologia, de “o elo perdido”. Como se sabe, ossadas de criaturas primitivas semelhantes a nós foram descobertas em várias partes do mundo, as mais recentes datando de aproximadamente 400.000 anos atrás; nenhuma destas são consideradas como nossos ancestrais diretos. De outro lado, no período de 400.000–30.000 não foram encontrados quaisquer vestígios de seres sencientes que pudessem servir de elo entre os primitivos seres e o homem moderno. Por algum tempo pensou-se que o “homem” neandertal pudesse ser nosso ancestral direto. Porém, cientistas britânicos, após recentes análises minuciosas de restos de ossos do “homem” neandertal descobertos na Europa, declararam que o homem moderno não é descendente do mesmo. Até hoje não se sabe ao certo como é que o homem surgiu na Terra. Os relatos que aparecem nos livros e artigos não passam de especulações. Os cientistas

divórcios; uso de encantamentos; obter respostas oraculares; servir aos deuses, etc.

- § 62 — Abster-se de ganhar a vida por meios de vida errôneos, por meio de artes baixas como: prometer presentes aos *devas* em troca de favores; recitação de encantamentos; provocar virilidade ou impotência; santificar sítios; ministrar rituais; praticar cirurgia, pediatria e medicina em geral, etc.

Devido a sua perfeita moralidade, o *bikshu* não vê perigo em qualquer lugar. Dotado deste nobre agregado de disciplina moral, ele experimenta dentro de si mesmo uma irrepreensível felicidade. [§ 63]

2. Guardar a porta dos sentidos (continência das faculdades sensoriais) (*indriya-saṃvara*).  
Dotado desta nobre continência das faculdades sensoriais, ele experimenta dentro de si mesmo uma irrepreensível felicidade. [§ 64]
3. Manter constantemente a mentação plena e a clara compreensão [ou conscientização] (*satisampajañña*) [§ 65]
4. Contentamento (*santuṭṭhi*). Estar contente com pouco, levar uma vida simples [§ 66]
5. (a) Escolha de um local adequado para meditação; ele senta-se com as pernas cruzadas mantendo seu corpo ereto, e concentra-se em manter a mentação plena diante de si. [§ 67]  
(b) Eliminação dos Cinco Impedimentos (*pañca-nivaraṇa*) [§ 68–74]  
(c) Com a eliminação dos impedimentos, alegria surge. Quando está alegre, enlevo surge. Sua mente estando cheia de enlevo, seu corpo torna-se tranqüilo; estando tranqüilo no corpo, ele experimenta felicidade; estando feliz, sua mente torna-se concentrada.
6. Estando assim desligado dos desejos sensoriais, desligado de estados insalutares, ele atinge sucessivamente as quatro absorções meditativas (*jhāna*). [§ 75–82]
7. A obtenção de conhecimento e visão (*nāṇa-dassana*) [§ 83–84]
8. O poder de produzir um corpo feito-de-mente (*manomayā*) [§ 85–86]
9. As cinco formas de “conhecimento superior” (*abhiññā*):
  - (a) A prática de poderes supernormais (psicocineses, levitação, etc.) (*iddhividha*) [§ 87–88]
  - (b) O ouvido divino (clariaudiência) (*dibbasotadhātu*) [§ 89–90]
  - (c) Conhecimento (da qualidade) das mentes alheias (*cetopariyañña*) [§ 91–92]

de todos os fenômenos condicionados que, devido à sua impermanência, são todos sujeitos ao sofrimento e são insatisfatórios, e isto inclui também a experiência prazerosa. Portanto, “insatisfatoriedade” seria uma tradução mais adequada. Como se vê, a primeira Verdade não nega a existência de experiência prazerosa, como é algumas vezes entendido erroneamente. “Se não fosse a satisfação encontrada neste mundo, os seres não seriam apegados ao mundo... Se não fosse a miséria encontrada neste mundo, os seres não seriam repelidos pelo mundo... Se não houvesse escape deste mundo, os seres não poderiam dele escapar.” (AN iii,102)

72. *Nāparam itthatāya*: literalmente, “não há mais ‘de assim’”. Veja DN 15.22.
73. Todos os frutos precedentes levaram a isto que, de acordo com Rhys-Davids, seria exclusivamente budista. Os itens ou grupos, no todo ou com algumas omissões e mudanças, ocorrem nos 13 sutras iniciais do DN. Veja “Apêndice I, Sinopse”.
74. *Accayo*: freqüentemente traduzido por “pecado”, mas este termo com suas conotações teísticas deve ser evitado ao traduzir textos budistas.
75. Esta é a fórmula usada, entre outros, pelos *bikshus* quando confessam transgressões.
76. *Khatāyaṃ bhikkhave rājā, upahatāyaṃ bhikkhave rājā*: literalmente, “desenraizado está o rei; destruído está o rei”; a expressão indica que Ajātasattu estava inibido pelo seu carma de obter resultados que de outra maneira adviriam, porquanto parricídio é um dos maus atos “com resultado imediato” (no mundo seguinte?) que não pode ser evitado. De acordo com os Comentários, ele era incapaz de dormir até sua visita ao Buda.
77. A abertura do olho-do-Darma (*dhamma-cakkhu*) é um termo para designar a “entrada-na-corrente” e assim ser pôsto no Caminho irrevogavelmente. Este é superior ao olho divino (§ 95 e Nota 69), que é um tipo superior de clarividência, e é inferior ao olho-de-sabedoria (*paññā-cakkhu*), que é a sabedoria do Arahāt.



## APÊNDICES

### I - OS FRUTOS DA VIDA ASCÉTICA – SINOPSE

Em resposta ao rei Ajātasattu de Magadha, o Buda indica quais são os frutos visíveis aqui e agora da vida ascética dos bikshus, em ordem progressiva (meritória) ascendente. Nesta exposição, Buda apresenta seu sistema de treinamento, conhecido como Treinamento Gradual (*anupubbasiikkhā*):

**A.** A honra e respeito demonstrada a um membro de uma Ordem religiosa [§ 35–38]

#### **B. Antecedentes**

1. Surge um *Tathāgata* neste mundo... Ele transmite seus conhecimentos deste mundo e torna conhecida a vida divina... Ele ensina o Darma que é belo no começo, belo no meio, belo no fim... [§ 40]
2. Um homem qualquer ouve este ensinamento... Ao ouvi-lo adquire fé e confiança no *Tathāgata*... Esta fé/confiança levá-lo a refletir sobre sua própria vida... Ele decide, então, abandonar família e possessões e torna-se um asceta-andarilho [bikshu]... Submete-se, então, ao treinamento... [§ 41]
3. Ele vive contido pelas continências dos regulamentos disciplinares... Ele vem a ser dotado de ação corpórea e ação verbal salutares; seu meio de vida purifica-se, e ele é possuído de moralidade. Ele guarda as portas dos sentidos, é dotado de mentação plena e clara compreensão, e é contente [§ 42].

#### **C. O Treinamento Gradual**

1. Treinamento em Moralidade (*sīla*) [§ 43–62]

##### **A Secção Menor de Moralidade (*cūlasīla*):**

- § 43 (a) — Abster-se de tomar a vida de outros seres.
- § 43 (b) — Abster-se de tomar o que não é dado.
- § 43 (c) — Abster-se de incastidade.
- § 44 (d) — Abster-se de fala mentirosa.
- § 44 (e) — Abster-se de fala caluniosa.
- § 44 (f) — Abster-se de fala rude.
- § 44 (g) — Abster-se de tagarelice frívola [ou ociosa].
- § 45 (h) — Abster-se danificar sementes e plantas.
- § 45 (i) — Tomar uma refeição por dia.
- § 45 (j) — Abster-se de assistir a espetáculos; de usar produtos de embelezamento e adornos; de aceitar ouro, mulheres, escravos, animais, terras.
- § 45 (k) — Abster-se de atuar como intermediário ou mensageiro;

de compras e vendas; de fraude e trapaçes.

§ 45 (l) — Abster-se de matar, de banditismo, de violência.

##### **A Secção Intermédia sobre Moralidade (*Majjhimasīla*):**

- § 46 — Abster-se de danificar mudas e plantas.
- § 47 — Abster-se de usar bens armazenados.
- § 48 — Abster-se de assistir a espetáculos [*são enumerados 16 tipos diferentes*].
- § 49 — Abster-se de jogos e recreações [*são enumerados 18 diferentes jogos e passa-tempos*].
- § 50 — Abster-se de usar camas e assentos luxuosos [*são enumerados 20 tipos diferentes*].
- § 51 — Abster-se de usar meios de adorno e embelezamento [*são mencionados 22 meios diferentes*].
- § 52 — Abster-se de conversa baixa [*são mencionados 27 exemplos*].
- § 53 — Abster-se de argumentação altercadora.
- § 54 — Abster-se de servir como mensageiro.
- § 55 — Abster-se de trapaçes, adivinhação, esconjuro, etc.

##### **A Secção Maior sobre Moralidade (*Mahāsīla*):**

- § 56 — Abster-se de ganhar a vida por meios de vida errôneos, por meio de artes baixas como: quiromancia, divinação, prognosticação por sonhos, oblações, oferecimento de sacrifícios, predições, esconjuro, encantamentos, etc.
- § 57 — Abster-se de ganhar a vida por meios de vida errôneos, por meio de artes baixas como: interpretação do significado da cor, forma, aspecto das coisas para determinar se elas pressagiam ventura ou infortúnio para os seus donos.
- § 58 — Abster-se de ganhar a vida por meios de vida errôneos, por meio de artes baixas como: predições em questões militares [*vários exemplos são dados*].
- § 59 — Abster-se de ganhar a vida por meios de vida errôneos, por meio de artes baixas como: Fazer predições astrológicas [*vários exemplos são dados*].
- § 60 — Abster-se de ganhar a vida por meios de vida errôneos, por meio de artes baixas como: fazer predições sobre chuvas, secas, fome; segurança, perigo; a saúde; contagem, sofisticada, etc.
- § 61 — Abster-se de ganhar a vida por meios de vida errôneos, por meio de artes baixas como: arranjar casamentos,

sacrifícios que são frutíferos e proveitosos (em ordem ascendente meritória), como segue:

- (a) Alguém com coração puro, vai como refúgio ao Buda, ao Darma e ao Saṅgha [Os Três Refúgios, *tisaraṇa*].
- (b) Alguém com coração puro, assume manter os 5 Preceitos (*pañca sīla*).
- (c) O treinamento gradual (idêntico ao *Sāmaññaphala*, “B. Antecedentes, § 40–42; par. 1–10, § 43–98”).

*Mahāli Sutta* (DN 6) — Neste diálogo com o licchavi Mahāli, assistido por outros brâmanes de Kosala e Magadha, a questão inicial é sobre visões e sons celestiais e como seria possível vê-las e ouvi-los, respectivamente, usando-se a força da concentração (*samādhi*). À pergunta de Mahāli se era para atingir tais estados de concentração que os bikshus levavam a vida divina sob a orientação do Bem-aventurado, o Buda responde que não, que era para atingir coisas mais sublimes e perfeitas, como segue (em ordem ascendente meritória):

- (a) Com o abandono dos 3 grilhões (*saṃyojana*) [crença de personalidade; dúvida cética; apego a meros rituais e cerimônias], ele torna-se um adentrador-de-corrente (veja Nota 8b).
- (b) Com o abandono desses três grilhões e a diminuição de sua avidez, ódio e delusão, ele torna-se um que retorna-uma-só-vez [a este mundo].
- (c) Com o abandono dos 5 grilhões inferiores [os 3 do item (a) acima + paixão sensual; má vontade], ele renasce (numa esfera superior), onde, no decorrer do tempo, atinge a iluminação.
- (d) Através da extinção dos cancos (morais) (*āsava*), ele atinge nesta mesma vida, a emancipação da mente, a emancipação por meio da sabedoria, que ele realiza por sua própria introvisão.

À pergunta de Mahāli, se existia um caminho, um método para realizar essas coisas, Buda responde que sim, que este método era o Nobre Caminho Óctuplo.

Neste ponto do diálogo Buda, inesperadamente, introduz uma nova questão, que lhe teria sido feita pelos ascetas Maṇḍissa e Jāliya: é a alma ou o princípio vital (*jīvaṃ*) o mesmo que o corpo? Aqui Buda introduz seu TG, que é apenas parcial: B. Antecedentes (§ 40–42); par. 1–7 (§ 43–84); o conhecimento de que “não há mais nada aqui”, par. 10 (parcial). Buda termina dizendo não ser apropriado para alguém que conhece e vê assim fazer a pergunta se a alma é igual ao

- (d) Lembrança (conhecimento) das vidas anteriores [retrocognição dos nascimentos prévios] (*pubbenivāsānussatiñāṇa*) [§ 93–94]
  - (e) O olho divino: conhecimento do surgimento e passamento de seres (de acordo com seus feitos ou carmas) (clarividência?) (*dibbacakkhu*) [§ 95–96]
10. (a) Conhecimento da destruição dos cancos (morais) (*āsava*); a realização das quatro Nobres Verdades.
- (b) Atingimento do estado de Arahat; conhecimento do término do ciclo de renascimentos (*saṃsāra*) e atingimento da Iluminação (*nibbāna*, nirvana) [§ 97–98]

## II - PARALELOS

### A. Os 6 Filósofos-andarilhos (§ 16–33):

- § 16–18 MN i.404, 516; SN i.66, ii.68–69\*, iii.208, iv.349, v.126\*; AN iii.383–84\*  
Ref.: MN i.198, 250  
\* No AN 6:57 (iii.383–84) a doutrina de Makkhali sobre as seis classes de homens é atribuída ao Pūrana Kassapa, que põe o Makkhali na mais elevada classe. No SN 22:60 (iii.69) e SN 46:56 (v.126) a negação de causas e condições é atribuída ao Pūrana da mesma maneira que a doutrina é enunciada pelo Makkhali.
- § 19–21 MN i.107, 516–17; SN iii.210, 68; AN i.32, 286  
Ref.: MN i.31, 198, 238, 250, 524; AN iii.383
- § 22–24 MN i.287, 401, 515; SN iii.206, iv.348  
Ref.: MN i.198, 250
- § 25–27 MN i.517; SN iii.211  
Ref.: MN i.198, 250
- § 28–30 Ref.: MN i.198, 250; SN i.66–7
- § 31–33 Ref.: MN i.198, 250

### B. Moralidade (§ 43–63):

Certos parágrafos ocorrem em outros lugares do Cânone:

- A Secção Menor (*Cūlasīla*) (§ 43–45) = MN 27.13 (i.179) seg.; AN X.99 (v.204) seg. — Inclui nove dos dez preceitos éticos para noviços (*sāmanera*) — *Comp.* MN i.287; iii.33; AN ii.208; iv.249.
- A Secção Intermédia (*Majjhimasīla*) (§ 46–55) = § 48 (itens 13–16): Vin iv.107 (*Pācittiya 50*) — § 49: Vin CV I, 13.2 (ii.10); iii.80; MN 38.28 (i.266) (itens 10–15) — § 50: Vin MV V, 10.4 (i.192); CV VI, 8.1 (ii.163); AN III.63,3 (i.181) [exceto o último item] — § 52:

Vin MV V, 6.3 (i.188); MN Suttas 76, 77 — § 53: MN 77.6 (ii.3)  
— § 55: AN V.83 (iii.111).

### III - COMPARAÇÃO: MORALIDADE (§ 43–63)

- § 43–45 (*Cūḷasīla*) Os itens (1)–(5), (9), (10) correspondem a 9 dos 10 itens dos Dez Preceitos (*dasa sīla*). Os itens (1)–(3), (9), (11), (12) não têm correspondência nas outras duas seções.
- § 46–55 (*Majjhimasīla*) § 47 e § 52 correspondem apenas parcialmente aos itens (10) e (7) respectivamente do *Cūḷasīla*. Os § 47 (parcial), 49, 53 e 55 não têm correspondência no *Cūḷasīla*.
- § 56–62 (*Mahāsīla*) Todos os itens tratam de um só assunto com grandes detalhes: meios de vida incorretos. O § 55 do *Majjhimasīla* está neles absorvido.

Nota: É interessante notar a ausência de bebidas intoxicantes nos itens de moralidade acima. Mas há uma explicação lógica para isso. Os religiosos mendicavam diariamente, de manhã cedo, sua comida. Eles postavam-se diante das portas das casas, segurando a tigela de mendicância nas mãos, e os moradores neles punham a comida. Não se mendicava qualquer líquido; a água eles obtinham de poços ou dos rios, após ser filtrada usando um filtro portátil que eles carregavam. Portanto, não se concebia que eles pudessem tomar e beber bebidas alcoólicas. Este item de bebidas só foi incluído nos Cinco Preceitos, que era mais destinado aos leigos.

### IV - O Treinamento Gradual em outros sutras

Nas comparações que faremos a seguir, tomaremos como base a Sinopse do *Sāmaññaphala Sutta* dada no Apêndice I.

Os principais sutras que tratam do treinamento gradual (TG) (*anupubbasiikkhā*) podem ser divididos em dois grupos: no primeiro estão os sutras nos quais o TG é repetido identicamente ao de *Sāmaññaphala*; no segundo estão os sutras que apresentam variações e adições em relação ao *Sāmaññaphala*.

### Grupo A (Nestes o discurso sempre começa pelo B. Antecedentes):

*Ambaṭṭha Sutta* (DN 3) — Neste diálogo com o jovem brâmane Ambaṭṭha, o assunto é sobre castas. A casta dos Kshatrias (guerreiros) seria a mais honrada; porém, Buda diz que as virtudes de conhecimento (*vijjā*) e conduta (*caraṇa*) — que fazem uma pessoa “o melhor dos deuses (*devas*) e dos homens” — são mais elevadas ainda. A conduta é os par. 1–6 (§ 43–82), e o conhecimento, o resto 7–10 (§ 83–98) do TG.

*Soṇadaṇḍa Sutta* (DN 4) — Neste diálogo com o brâmane Soṇadaṇḍa a questão é: “Quem é o verdadeiro brâmane?” As características do genuíno brâmane, de acordo com Buda, são a moralidade (*sīla*) e a sabedoria (*paññā*). A moralidade é os par. 1–6 (§ 43–82) do TG; a sabedoria, o resto 7–10 (§ 83–98). Esta divisão, em certo sentido, poderá ser considerada como “incomum”; veja mais adiante *Subha Sutta*, cuja divisão é aceita como a comum ou a “normal”.

*Mahāsīhanāda Sutta* (DN 8) — Aqui, no diálogo com o asceta-nu Kassapa, o assunto é: “Quem é o verdadeiro asceta e brâmane?” A declaração de Buda é conhecida como o “rugir do leão” de Buda. O treinamento é dividido na tríplice realização de: Moralidade (*sīla*), par. 1 (§ 43–63); Coração ou Mente (*citta*), par. 2–6 (§ 64–82); Sabedoria (*paññā*), par. 7–10 (§ 83–98).

*Subha Sutta* (DN 10) — O brâmane Subha pergunta ao Ānanda quais eram as coisas que o venerável Gotama elogiava, nas quais ele incitava as pessoas, nas quais ele os estabelecia e os tornava firmes. Ānanda responde dizendo que eram os ensinamentos concernentes a: Nobre Moralidade (*ariya sīla*), par. 1 (§ 43–63); Nobre Concentração (*ariya samādhi*), par. 2–6 (§ 64–82); Nobre Sabedoria (*ariya paññā*), par. 7–10 (§ 83–98).

*Kevaddha Sutta* (DN 11) — Neste diálogo com o jovem dono de casa Kevaddha, o assunto é sobre milagres e poderes místicos, aos quais Buda contrapõe o milagre da instrução (= TG, idêntico ao *Sāmaññaphala*).

*Lohicca Sutta* (DN 12) — Neste diálogo com o brâmane Lohicca o assunto é sobre os bons e os maus preceptores. Buda responde dizendo que o bom preceptor é aquele cujos pupilos seguem os ensinamentos do treinamento gradual (idêntico ao *Sāmaññaphala*).

### Grupo B

*Kūṭadanta Sutta* (DN 5) — Neste diálogo com o brâmane Kūṭadanta, o assunto é sobre o sacrifício (religioso) incorreto e o correto. Ao sacrifício de animais dos brâmanes, o Buda contrapõe outros

ele é honrado, respeitado e venerado pelos discípulos. As qualidades dadas são as seguintes:

- (a) “O asceta Gotama é virtuoso; ele possui o supremo agregado da virtude” [1ª qualidade].
- (b) “Quando o asceta Gotama diz ‘eu sei’ ele verdadeiramente sabe; quando ele diz ‘eu vejo’ ele realmente vê. O asceta Gotama ensina o Dharma [lei natural, a Verdade] por conhecimento direto, não sem conhecimento direto” (...) [2ª qualidade]
- (c) “O asceta Gotama é sábio; ele possui o supremo agregado de sabedoria” [3ª qualidade].
- (d) Quando questionado por pessoas que sofrem, ele explana as 4 Nobres Verdades acerca do sofrimento; ele deixa-lhes as mentes satisfeitas com sua explanação [4ª qualidade].
- (e) Ele proclamou aos seus discípulos o caminho para desenvolver... (os seguintes estados salutares) [5ª qualidade]:<sup>1</sup>
  - (1) As 4 Fundações da Mentação Plena (*satipaṭṭhāna*).
  - (2) Os 4 Esforços Corretos (*sammappadhāna*).
  - (3) As 4 Bases do Poder Psíquico (*iddhipāda*) (“Estradas ao Poder”).
  - (4) As 5 Faculdades (Espirituais) (*indriya*).
  - (5) Os 5 Poderes (*bala*).
  - (6) Os 7 Fatores de Iluminação (*bojjhanga*).
  - (7) O Nobre Caminho Óctuplo (*aṭṭhaṅgika-magga*).
  - (8) As 8 Libertações (*vimokkha*).
  - (9) As 8 Esferas de Domínio ou Bases para Transcendência (*abhibhāyatana*).
  - (10) As 10 *Kasiṇas* [dispositivos para meditação].
  - (11) Os 4 *Jhānas* [TG:– par. 6 (§ 75–82)].
  - (12) Conhecimento e visão (*nāṇa-dassana*) [TG:– par. 7 (§ 83–84)].
  - (13) O poder de produzir um corpo feito-de-mente (*mano-mayā*) [TG:– par. 8 (§ 85–86)].
  - (14) Poderes supernormais (*iddhividha*) [TG:– par. 9(a), § 87–88].
  - (15) O Ouvido Divino (*dibbasotadhātu*) [TG:– par. 9(b), § 89–90].
  - (16) Conhecimento (da qualidade) das mentes alheias

<sup>1</sup> Os itens (e) 1–7 são conhecidos pelo nome de os “37 Constituintes de Iluminação”, e a descrição de seu desenvolvimento (*bodhipakkhiya bhāvanā*) é dado neste sutra pelo Buda. Veja também no Prefácio, Seção IV.

corpo.

*Jāliya Sutta* (DN 7) — A questão aqui é se a alma é idêntica ao corpo ou não. Este sutra é uma repetição, verbatim, da segunda parte do *Mahāli Sutta* acima.

*Poṭṭhapāda Sutta* (DN 9) — Este diálogo com o andarilho Poṭṭhapāda é um dos sutras mais complexos e multi-temáticos do Cānone Páli. Nós daremos só a primeira parte. Poṭṭhapāda questiona sobre a suprema extinção da consciência e sobre o surgimento e cessação da percepção. Buda lhe diz que isto consegue-se mediante treinamento, como segue:

- (a) TG (parcial):– B. Antecedentes (§ 40–42); par. 1–6 (§ 43–82).
- (b) Atingimento das 4 absorções meditativas (*jhāna*) das Esferas Imateriais (*arūpasamāpatti*):
  - (1) A esfera do espaço infinito; (2) a esfera da consciência infinita; (3) a esfera do nada [de-não-coisa]; (4) a esfera de nem-percepção-nem-não-percepção.

Assim, diz Buda, a pessoa em treinamento tem uma percepção controlada. O diálogo segue tratando de outros assuntos, muitos dos quais especulativos.

*Tevijja Sutta* (DN 13) — Este sutra traz o diálogo com os jovens brâmanes Vāsetṭha e Bhāradvāja, e versa sobre o conhecimento dos três Vedas e sobre a união com Brahmā. Buda os leva a admitir que nenhum dos afamados preceptores brâmanes, até sete gerações atrás, chegaram a ver e a conhecer pessoalmente o Brahmā. Conclusão: que eles possam mostrar o caminho que leva à união com aquilo que eles não conhecem e tampouco viram — é uma condição que não pode existir! Buda diz que ele conhece o Brahmā e o mundo do Brahmā, e o caminho que leva ao mundo de brahmā; ele apresenta, então, o seguinte esquema de treinamento que possibilita isto [no sentido budista]:

- (a) O TG (parcial):– B. Antecedentes (§ 40–42); par. 1–6 (somente o primeiro *jhāna*) (§ 43–75).
- (b) As 4 Divinas Moradas (*brahma-vihāra*).<sup>1</sup>

<sup>1</sup> É possível que atingir o primeiro *jhāna* provê o praticante com meios para uma prática em profundidade das Divinas Moradas que Buda apresenta como meio para alcançar-se uma “união” com Brahmā. Para uma descrição da prática das Divinas Moradas, veja o Texto “O Diálogo com os Kālāmas” disponível no nosso site “www.centrobudista.com”.

*Cūḷahatthipadopama Sutta* (MN 27) — O brâmane Jāṇussoṇi ouve grandes elogios da boca do andarilho Pilotika (Vacchāyana) a respeito de Buda; usando o símile das pegadas do elefante, Pilotika demonstra a ascendência de Buda sobre outros mestres. Jāṇussoṇi vai visitar então o Buda. Este lhe diz que o símile está incompleto e, no decorrer da conversa, apresenta este esquema de treinamento gradual:

B. Antecedentes (§ 40–42); par. 1 (a–l) (§ 43–45) (somente a Secção Menor de Moralidade, *cūḷasīla*); par. 4 (§ 66); par. 2–3 (§ 64–65); par. 5–6 (§ 67–82); par. 9(d)–10 (§ 93–98).

*Mahātaṇhāsankhaya Sutta* (MN 38) — O bikshu Sāti mantém a visão errônea de que é a mesma consciência [do falecido] que percorre a ronda de renascimentos (*saṃsāra*). Buda corrige isto dizendo que a consciência é dependentemente originada: sem uma condição não há originação de consciência. Ele discursa, então, sobre consciência, nutrimento, originação dependente; ele apresenta seu TG como meio para acabar com o sofrimento/insatisfatoriedade (*dukkha*):

(a) B. Antecedentes (§ 40–42); par. 1 (§ 43a–45l) (somente a Secção Menor da Moralidade, *cūḷasīla*); par. 4 (§ 66); par. 2–3 (§ 64–65); par. 5–6 (§ 67–82).

(b) Libertação por meio da destruição da sede ou anelo (*taṇhā*); o término da ronda de existência (*saṃsāra*) por cessação plena da Originação Dependente (*paṭiccasammupada*).

*Mahā-Assapura Sutta* (MN 39) — Em discurso aos bikshus Buda diz como é que eles deveriam assumir e praticar aquelas coisas que os tornaria um verdadeiro asceta, um verdadeiro brâmane. Eis o que Buda ensina:

(a) Possuir senso de vergonha e receio de fazer mal (*hiri-ottappa*);  
(b) pureza de conduta corpôrea, verbal e mental; pureza de meios de vida;

(c) guardar a porta dos sentidos (TG:– par. 2, § 64);

(d) moderação na comida;

(e) estar desperto e alerta; diligência quanto à purificação da mente de estados insalutares;

(f) TG:– par. 3 (§ 65); par. 5–6 (§ 67–82); par. 9(d)–10 (§ 93–98).

*Kandaraka Sutta* (MN 51) — Buda discursa sobre os quatro tipos de pessoas: o que atormenta a si mesmo, o que atormenta aos outros, o que atormenta a si e aos outros, e o que não atormenta nem a si e nem aos outros. Este último é a pessoa que realizou o TG: o esquema é igual ao da *Cūḷahatthipadopama Sutta*.

*Sekha Sutta* (MN 53) — A pedido de Buda, Ānanda expõe aos Shākiyas como é que o discípulo que é adentrador-de-corrente treina no

treinamento superior:

(a) Ele é possuído de virtude (TG:– par. B.3, parcial, § 42);

(b) guardar a porta dos sentidos (TG:– par. 2, § 64);

(c) moderação na comida;

(d) estar desperto e alerta; diligência quanto à purificação da mente de estados insalutares;

(e) o discípulo possui sete boas qualidades:

(1) Ter fé no *Tathāgata*; (2) possuir senso de vergonha; (3) ter receio de fazer o mal; (4) estudar muito e lembrar o que estudou; (5) ser enérgico no abandono dos estados insalutares e no empreendimento dos estados salutareos; (6) possuir mentação plena; (7) possuir sabedoria.

(f) TG:– par. 6 (§ 75–82); par. 9(d)–10 (§ 93–98).

*Cūḷasakuludāyi Sutta* (MN 79) — Neste diálogo com o andarilho Sakuludāyin e seus seguidores, Buda explica com que objetivo os bikshus levam esta vida ascética sob a orientação dele. O TG que ele apresenta é igual ao do *Cūḷahatthipadopama Sutta*.

*Dantabhūmi Sutta* (MN 125) — Buda explica ao noviço Aggivessana como alguém é domado/treinado na Disciplina por meio do TG:

(a) TG:– B. 1–2 Antecedentes (§ 40–41);

(b) TG:– ser possuído de virtude (B.3, parcial, § 42);

(c) TG:– par. 2 (§ 64);

(d) moderação na comida;

(e) estar desperto; diligência quanto à purificação da mente de estados insalutares;

(f) TG:– par. 3 (§65); par. 5 (§ 67–74);

(g) as 4 Fundações da Mentação Plena (*satipaṭṭhāna*) (resumido);

(h) TG:– obtenção de 3 *jhānas* (somente 2–4), par. 6 (§ 77–82);

(i) TG:– par. 9(d)–10 (§ 93–98).

Nota:– Nós notamos que nas exposições de Buda aos bikshus ele não inclui no TG, como regra geral, os par. 8–9(a–c) (§ 85–92). Embora no decorrer do treinamento alguns discípulos possam adquirir estas habilidades, Buda não parece apreciá-las muito e não as recomenda (veja Nota 55).



Existe um sutra que oferece todo um interesse especial, uma vez que demonstra quais eram as qualidades espirituais de Buda de acordo com terceiros. No *Mahāsakuludāyi Sutta* (MN 77), Buda expõe ao andarilho Sakuludāyin quais são suas qualidades pessoais pelas quais



(*cetopariyañāṇa*) [TG:- par. 9(c), § 91–92].

- (17) Lembrança das vidas anteriores (*pubbenivāsānussatiñāṇa*) [TG:- par. 9(d), § 93–94].
- (18) O Olho Divino (*dibbacakkhu*) [TG:- par. 9(e), § 95–96].
- (19) A destruição dos cancros (*āsavā*) [TG:- par.10(a), parcial]

## V - As doutrinas dos filósofos-andarilhos

A seguir, damos um resumo das doutrinas dos seis preceptores:

1. Pūraṇa Kassapa, cujo nome regularmente encabeça a lista dos seis, era um proponente da doutrina da ineficácia da ação (*akiriyaṇāda*). Conforme exposto no sutra, esta visão nega que ações volicionais sejam capazes de produzir frutos, e, como conseqüência, leva à rejeição da validade das distinções e julgamentos morais. Na primeira consideração, esta visão parece ser uma variante do aniquilacionismo materialista de Ajita Kesakambali. No entanto, há indicações alhures no Cânone de que os ensinamentos de Pūraṇa tinham estreitas conexões com a crença de Makkhali Gosāla, e assim sua antinomia moral derivaria não de premissas materialistas, mas de uma doutrina de determinismo rígido.<sup>1</sup>

2. Makkhali Gosāla — que era um antigo sócio do preceptor jaina Nigaṇṭha Nātaputta antes que os dois vieram a separar-se —, era o líder de uma seita religiosa chamada Ājivika, que sobreviveu na Índia até os tempos medievais, após os quais desapareceu completamente. O principal dogma da filosofia de Makkhali era a crença de que o processo cósmico inteiro era rigidamente controlado por um princípio chamado *niyati*, destino ou fado. O destino segura nas suas garras tudo. Sob seu controle cada alma tem que percorrer um curso fixo no *samsara* (*saṃsāra*) antes que alcance a libertação. Esforço e volição humanos são inteiramente impotentes para alterar este rumo, e assim nem o sábio pode mediante esforço diligente encurtar sua escravidão às rondas de renascimentos, e tampouco o tolo, por negligência, em alongá-lo. O sistema de Makkhali envolvia também uma cosmologia fantásticamente elaborada, cujas concepções-chave estão enumeradas na sua declaração. Parece que isto não era uma simples lista do conteúdo do universo, mas um mapa dos estados através dos quais a alma deve passar no decurso da transmigração antes que ela pudesse ganhar emancipação.

3. A doutrina de Ajita Kesakambali era um materialismo direto que mantinha ser a pessoa essencialmente idêntica ao seu corpo. A dissolução do corpo na

---

<sup>1</sup> Em AN 6:57 (iii.383-84) a doutrina de Makkhali das seis classes de pessoas é atribuída ao Pūraṇa Kassapa, que coloca o próprio Makkhali na classe mais elevada. E em SN 22:60 (iii.69) e SN 46:56 (v.126) a negação de causas e condições é atribuída ao Pūraṇa exatamente da mesma maneira que a doutrina é enunciada por Makkhali.

morte acarreta necessariamente a completa aniquilação da pessoa, sem nenhum princípio de continuidade da consciência para além do túmulo ou de qualquer retribuição moral pelos seus atos.

4. Em contraste, Pakudha Kaccāyana defende um atomismo que reconhecia, em adição aos componentes materiais da pessoa, uma alma individual indestrutível. Pakudha deduziu da natureza imperecível da alma conclusões que recusava desprezivelmente a própria base da moralidade: dado que a alma não pode ser ferida ou destruída, mesmo a noção de matança torna-se insustentável.

5. Nigaṇṭha Nātaputta é idêntico a Vardhamāna Mahāvira, o fundador histórico do Jainismo, embora dentro de sua tradição visto como o mais recente de uma longa linha de *tirthankaras* ou “fazedores de vau”. A declaração obscura pela qual ele é representado em *Sāmaññaphala Sutta* não tem sido encontrada nas escrituras jainas, mas uma conjectura poderá ser oferecida sobre por que pontos de vista mais típicos dele que se encontram em outros sutras (p.ex., MN 14, MN 101) não foram trazidos aqui. Como o líder jaina afirmou que a vida ascética é frutífera e sustentou que sua disciplina traz o término do sofrimento — embora mediante doutrinas e práticas rejeitadas por Buda — introduzir esses pontos de vista aqui requeriria divergências do que vem a seguir no sutra.

6. O último dos seis preceptores, Sañjaya Belaṭṭhaputta, era um cético. No *Brahmajāla Sutta* sua posição está incluída entre os “equivoquistas intermináveis” ou “coleadores quais enguias” que são incapazes de tomar uma posição definitiva sobre as questões filosóficas vitais da época.

No *Sāmaññaphala Sutta* Buda não comenta estas posições. Ele simplesmente deixa que o rei Ajātasattu declare sua insatisfação com seus proponentes, que devem tê-lo desagradado não somente pela falha em responder à sua pergunta sobre os frutos da vida ascética, mas também porque suas doutrinas eram incapazes de oferecer qualquer saída da crise de consciência que atormentava-no.

[Extraído de: Bhikkhu Bodhi – *The Discourse on the Fruits of Reclueship*,  
Buddhist Publication Society, Kandy, pp.7–9.]

